

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA

LISIANE MOLINA LEFFA

**ENSAIOS POLÍTICOS, LEITURAS UTÓPICAS: UMA (DIS)POSIÇÃO DAS
CADEIRAS COM AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS NO BRASIL**

Porto Alegre

2019

LISIANE MOLINA LEFFA

**ENSAIOS POLÍTICOS, LEITURAS UTÓPICAS: UMA (DIS)POSIÇÃO DAS
CADEIRAS COM AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura

Linha de pesquisa: Psicanálise e Cultura

Orientador: Prof. Dr. Edson Luiz André de Sousa

Porto Alegre

2019

LISIANE MOLINA LEFFA

**ENSAIOS POLÍTICOS, LEITURAS UTÓPICAS: UMA (DIS)POSIÇÃO DAS
CADEIRAS COM AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura

Aprovada em: _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa

Prof^a. Dr^a. Simone Zanon Moschen

Prof^a. Dr^a. Tania Cristina Rivera

Prof. Dr. Edson Luiz André de Sousa
Professor orientador – Presidente da Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma maneira estiveram comigo nesta trajetória.

Gracias totales!

Edson, a possibilidade das utopias nesta caminhada.

Luciano, Tania, Simone, o aceite, a espera, a leitura.

Colegas e amigxs do nosso querido **LAPPAP**, os afetos, as trocas, as alegrias.

Colegas e amigxs do mestrado, os aprendizados, as conquistas.

Karina, a amizade querida que o mestrado me traz.

Manu Mattos, a amizade, Benjamin, as considerações.

Janniny Kierniew, os encontros, as trocas, as inspirações.

André Costa, Adri Marino, Edu Hegenberg, Bruno Fedri, Paulo Endo, os espaços moventes, a coragem, as palavras.

Denise Hausen, Roberta Giacobone, as primeiras transmissões, Freud, a psicanálise.

Jéssica, as palavras, a amizade, as horas na rua.

Laura, as horas de sol, a energia, a emoção.

Maurin, nossa amizade, e o que ela nos traz.

Pai e mãe, as portas abertas.

Mano, Dé, Jú, o tanto que juntos crescemos.

Betina, Rafael, o mundo na altura da infância.

Os amores, o pulsar.

Secundaristas brasileiros, a alegria, a coragem, as ocupações.

RESUMO

Esta dissertação é composta por três ensaios que buscam contornar a questão *como transmitir uma experiência de ocupação de escolas no Brasil?* a partir de duas experiências da autora com secundaristas brasileiros. Os três ensaios têm como articuladores em comum as imagens e as cadeiras escolares, coletadas através de mídia eletrônica. O primeiro ensaio apresenta uma contextualização do movimento de escolas ocupadas no Brasil entre 2015 e 2016, considerando este movimento como um espaço de criação, que se revela como imagem utópica, através de deslocamentos ético-políticos. O segundo ensaio percorre o pensamento do filósofo Walter Benjamin, investigando a relação entre objeto, experiência e transmissão, com o significante “cadeira” através de uma montagem de imagens e legendas de pesquisas sobre o objeto cadeira. O terceiro ensaio aborda os restos possíveis da experiência das ocupações de escolas no Brasil, tendo como chaves de transmissão as imagens e as possibilidades de criação, considerando a figuração das cadeiras estudantis como representantes simbólicos dos modos de fazer movimento de ocupação. Nesta pesquisa, os ensaios figuram locus de experiência, com a intenção de articular, como em uma experiência de ocupação, presença-movimento-criação.

Palavras-chave: Psicanálise. Utopia. Transmissão. Escolas. Ocupação.

ABSTRACT

This dissertation is composed of three essays that seek to circumvent the question how to convey an experience of occupying schools in Brazil? based on two experiences of the author with Brazilian secondary school students. The three essays have as articulators in common the images and the school chairs, collected through electronic media. The first essay presents a contextualization of the movement of schools occupied in Brazil between 2015 and 2016, considering this movement as a space of creation, which reveals itself as a utopian image, through ethical-political dislocations. The second essay runs through the philosopher Walter Benjamin's thinking, investigating the relationship between object, experience and transmission, with the signifier "chair" through an assembly of images and research captions on the object chair. The third essay discusses the possible remains of the experience of school occupations in Brazil, having the images and the possibilities of creation as transmission keys, considering the figuration of student chairs as symbolic representatives of the ways of making occupation movement. In this research, the essays are locus of experience, with the intention of articulating, as in an experience of occupation, presence-movement-creation.

Keywords: Psychoanalysis. Utopia. Streaming. Schools. Occupation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

figura 1. [fotografia] Manifestações de 2013a	11
figura 2. [fotografia] Manifestações de 2013b	15
figura 3. [fotografia] remete à ilustração do material <i>Como ocupar um colégio? Manual escrito por estudantes secundaristas da Argentina e Chile</i>	22
figura 4. [fotografia] Grupo fecha Marginal Pinheiros	26
figura 5. [fotografia] Estudantes protestam em São Paulo contra o fechamento de escolas	27
figura 6. [fotografia] disputa da cadeira escolar em dia de protesto	28
figura 7. [fotografia] Estudantes reivindicam a CPI da Merenda	29
figura 8. [fotografia] Secundaristas realizam ALESP Fashion Week em ocupação	30
figura 9. [fotografia] Estudantes usam cadeiras escolares como escudos nas manifestações de rua	31
figura 10. [fotografia] Alunos de escola em São Paulo com lista de mantimentos pedem ajuda	32
figura 11. [fotografia] E.E. Emygídio Ocupada	33
figura 12. [fotografia] Estudantes e polícia	34
figura 13. [fotografia] Estudantes fazem catracaço no Metrô Butantã	35
figura 14. [fotografia] Estudantes fazem ‘cadeiraço’ contra a privatização em Goiás	36
figura 15. [fotografia] Cadeiras isso aqui vai virar o Chile	37
figura 16. [fotografia] Arte na sala de aula	38
figura 17. [fotografia] Alunos cuidam da limpeza da Escola Estadual Prefeito Mendes de Moraes na Ilha do Governador	39
figura 18. [fotografia] onde estão os livros da escola?	40
figura 19. [fotografia] Escola ocupada em Porto Alegre	41
figura 20. [fotografia] A educação pede socorro	43

figura 21. [fotografia] de estudante para estudante	44
figura 22. [fotografia] barricada feita de cadeiras e lona	46
figura 23. [fotografia] Ocupação de escola no Rio Grande do Sul	47
figura 24. [fotografia] lutando pela escola dos nossos sonhos	49
figura 25. [fotografia] Assembléia estadual das escolas ocupadas em Curitiba	50
figura 26. [fotografia] Ocupação do espaço escolar	51
figura 27. [fotografia] Cadeira no trânsito	53
figura 28. [fotografia] Estudantes protestam na avenida Brigadeiro Faria Lima, esquina com avenida Rebouças	55
figura 29. [fotografia] Estudantes secundaristas ocupam avenida em protesto contra fechamento de escolas	56
figura 30. [fotografia] Manifestação feita pelos estudantes secundaristas de São Paulo no final de 2015	58
figura 31. [fotografia] (idem figura 3)	60
figura 32. [fotografia] (idem figura 4)	61
figura 33. [fotografia] (idem figura 5)	62
figura 34. [fotografia] (idem figura 6)	63
figura 35. [fotografia] (idem figura 7)	64
figura 36. [fotografia] (idem figura 8)	65
figura 37. [fotografia] (idem figura 9)	66
figura 38. [fotografia] (idem figura 10)	67
figura 39. [fotografia] (idem figura 11)	68
figura 40. [fotografia] (idem figura 12)	69
figura 41. [fotografia] (idem figura 13)	70
figura 42. [fotografia] (idem figura 14)	71
figura 43. [fotografia] (idem figura 15)	72

figura 44. [fotografia] (idem figura 16)	73
figura 45. [fotografia] (idem figura 17)	74
figura 46. [fotografia] (idem figura 18)	75
figura 47. [fotografia] (idem figura 19)	76
figura 48. [fotografia] (idem figura 20)	77
figura 49. [fotografia] (idem figura 21)	78
figura 50. [fotografia] (idem figura 22)	79
figura 51. [fotografia] (idem figura 23)	80
figura 52. [fotografia] (idem figura 24)	81
figura 53. [fotografia] (idem figura 25)	82
figura 54. [fotografia] (idem figura 26)	83
figura 55. [fotografia] (idem figura 27)	84
figura 56. [fotografia] (idem figura 28)	85
figura 57. [fotografia] (idem figura 29)	86
figura 58. [fotografia] (idem figura 30)	87
figura 59. [fotografia] contra PEC 55	89
figura 60. [fotografia] Ceará contra PEC 55	90
figura 61. [fotografia] Polícia lança bombas de gás contra estudantes que protestam na avenida Faria Lima, em São Paulo	91
figura 62. [fotografia] Escudo de cadeira	92
figura 63. [fotografia] Polícia usa bomba para dispersar estudantes que protestavam na avenida Tiradentes, na região central de SP	93
figura 64. [fotografia] Estudantes realizam protesto contra a reorganização	93
figura 65. [fotografia] Protestos contra reforma nas escolas paulistas	94
figura 66. [fotografia] Cadeira em movimento	94
figura 67. [fotografia] resistir no espaço urbano	95

figura 68. [fotografia] #ocupatudo, a luta dos estudantes secundaristas no Rio de Janeiro (a)	96
figura 69. [fotografia] #ocupatudo, a luta dos estudantes secundaristas no Rio de Janeiro (b)	96
figura 70 [fotografia] #ocupatudo, a luta dos estudantes secundaristas no Rio de Janeiro (c)	97

SUMÁRIO

1. NOTAS DE ABERTURA.....	11
2. NOTAS METODOLÓGICAS.....	24
3. QUANDO AS IMAGENS TOMAM POSIÇÃO – OCUPAÇÕES DE ESCOLAS NO BRASIL.....	26
4. UMA (DIS)POSIÇÃO DAS CADEIRAS COM AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS NO BRASIL.....	56
5. O QUE RESTA DAS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS NO BRASIL?.....	87
6. NOTAS CONCLUSIVAS.....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	100

1 NOTAS DE ABERTURA



figura 1. [fotografia] *Manifestações de 2013a*. Marcelo Leães (Psicanalista). junho, 2013. Porto Alegre: arquivo pessoal. Fonte: e-mail. Todos os direitos reservados.

“A história,
senhores,
não esquecerá
a escolha de cada um.

É chegada a hora de decidir:
que

os

Brasil

que estão lá fora
merecem?”

brasileiros

(FRANKEL, 2017, p. 13)

“Pelos fundamentos
do
cristianismo,
em defesa dos
princípios
da administração
pública, porque ninguém
está acima da lei,
eu voto
sim.”
(Ibid., p. 46)

“Por novas
eleições,
porque trocar
seis por meia dúzia
não resolve,
eu me abstenho.”
(Ibid., p.55)

“Sr. Presidente,
em defesa da nossa
frágil democracia, da nossa
imatura democracia, eu voto
contra o impeachment.
Voto não.”
(Ibid., p.116)

“Resultado

da votação:

sim: 367;

não: 137; abstenções: 7; ausentes: 2;

total: 511.

Está autorizada a instauração de processo contra a

[Sra.Presidente da

República, [...]”

(Ibid., p. 233)

No Brasil, o dia 17 de abril de 2016 havia sido marcado pela crise da circulação da palavra. Entre xingatórios e vaias, representantes parlamentares decidiam o futuro político do país, em uma sessão na qual os princípios da administração pública pareciam ter sido alvejados pelos fundamentos da igreja e da família.

Naquela semana, há 3 anos no projeto Clínicas do Testemunho¹, lembro de 2013, de uma mulher, e de sua voz, quando fazíamos nossas primeiras Conversas Públicas² com este projeto no Rio Grande do Sul. Palavras remetidas a público por ela, ressoam forte e vivaz.

[...]arrancaram minhas roupas, com palavras de depreciação na tentativa clara de baixar minha autoestima. Perguntaram meu nome e eu disse [...]. Vieram então socos de todos os lados. Insistiam na pergunta, com socos na boca do estômago e no tórax. Mal podendo falar, eu disse que meu nome estava na carteira de identidade. Aumentou a violência. Ligaram os fios e vieram os choques. Fiquei muda daí para frente. [...]Quando paravam os choques, vinham as perguntas. Mas, meu silêncio continuava. Eu só pensava que ali estava terminando minha vida, porque achava que estava morrendo. Com o tórax soqueado, sentindo o sangue na boca, percebi que se movimentavam. Fui colocada no pau de arara. Conheci o terror da dor física violenta, quase insuportável, e a dor de alma diante daquele horror

¹Projeto proposto pelo Ministério da Justiça e pela Comissão de Anistia do Brasil, com objetivo de oferecer tratamento psicológico específico às vítimas de violência política da ditadura civil-militar e de seus familiares. No Rio Grande do Sul, foi estabelecido em parceria com duas instituições psicanalíticas entre 2013 e 2018, mediante edital público. Trabalhei neste projeto de 2013 a 2016.

²Atividades propostas pelo projeto Clínicas do Testemunho do Rio Grande do Sul, com o objetivo de refletir e discutir com a comunidade sobre o tema da violência de Estado e as repercussões sociais da ditadura civil-militar brasileira (1964/1988).

que eu jamais imaginara que pudesse existir, embora já tivesse lido sobre relatos de torturas. Eram pontapés na cabeça e choques por todo o corpo. Minha indignação cresceu violentamente quando resolveram queimar minha vagina e meu útero. Enfiaram os fios e deram muitos choques. A dor, raiva, ódio, misturados com um sentimento de impotência, criavam-me um quadro assustador. E eu seguia muda. (CARDOSO, informação verbal, 2014)³

2016 não era uma ditadura. É verdade. São diferenças que precisamos marcar. A aparência que ecoa entre o imperativo da maldade dos anos de ditadura e a controversa sessão de abril é a banalidade do uso da palavra, como nos lembra a jornalista e ensaísta Eliane Brum (2016): “O horror do 17 de abril é a impossibilidade da palavra [...] as palavras foram distorcidas, violadas e esvaziadas”.

Na rua, nossos atos públicos também evidenciavam a perspectiva audaz da austeridade que não escolhe partido, que sufoca a palavra e reprime o corpo. Avalio sua intensidade pelo tempo que passa e o fragmento que segue presente.

No dia 23 de março de 2016, saímos do Largo Zumbi dos Palmares em direção ao Teatro Renascença, em Porto Alegre, traçando o itinerário do ato Cultura pela Democracia, que se inscrevia no cenário nacional, entre tantos protestos realizados às vésperas da sessão de abertura do impeachment. Naquele dia, uma medida embaralhava os limites entre o asfalto e a calçada na av. José do Patrocínio. Embalados pela força militar, que parecia ser de matriz oposta ao ato, os cavalos avançavam de forma desenfreada, produzindo grandes vácuos no espaço, na medida em que abríamos o caminho, para que a tropa não nos atropelasse. Cada ativista segurava a mão de quem estava mais próximo, evitando a queda brusca. Do outro lado, nenhuma palavra, apenas um semblante, como se já tivéssemos sido avisados. Desviamos. Mas, teríamos esquecido aquele ardor, 2013? Nossa disputa pelas passagens, a reprimenda nos olhos, spray de pimenta, a letalidade do gás?

³História compartilhada por Nilce Azevedo Cardoso na atividade conversa pública, intitulada Memória no Arquivo, realizada no Arquivo Público do Estado do RS, em setembro de 2013. Relato resgatado do site <https://resistenciaemarquivo.wordpress.com/2014/08/15/relato-de-sobrevivencia-nilce-azevedo-cardoso/>, disponibilizado em 15 de agosto de 2014, fornecido novamente por Nilce Azevedo Cardoso. Acesso em 05 de março de 2019.



figura 2. [fotografia] *Manifestações de 2013b*. Marcelo Leães (Psicanalista). junho, 2013. Porto Alegre: arquivo pessoal do autor. Fonte: e-mail. Todos os direitos reservados.

As atitudes de governo nas ruas, os pequenos fascismos cotidianos. 2016... Era neste contexto que a vida pulsava...Em maio, voltava de São Paulo, após uma *Virada Cultural*⁴ por lá. Em estado de alerta, o motorista do *uber* se preocupava. No trajeto, da Vila Mariana até o aeroporto de Congonhas, ele pensava em voz alta aonde me deixar. Dizia-me que o mercado estava em disputa, que os taxistas estavam ameaçando os motoristas dos aplicativos e que era melhor não se arriscar. Combinamos de me deixar um pouco afastada dos táxis e assim nos despedimos. No aeroporto, leio as notícias do dia. No jornal, um destaque das escolas ocupadas no Brasil. Vago o pensamento por um instante, entre o café e a espera do voo que atrasa, e penso para o dia seguinte visitar uma escola ocupada em Porto Alegre. Na chegada, faço isso.

⁴Evento anual promovido pela Secretaria de Cultura da prefeitura do município de São Paulo, propondo 24 horas diretas de atividades culturais na cidade.

[...]mesmo no tempo mais sombrio temos o direito de esperar alguma iluminação, e que tal iluminação pode bem provir, menos das teorias e conceitos, e mais da luz incerta, bruxuleante e frequentemente fraca que alguns homens e mulheres, nas suas vidas e obras, farão brilhar em quase todas as circunstâncias e irradiarão pelo tempo que lhes foi dado na terra (ARENDETT, 1987, p. 7)

No portão, a aluna solicitava os documentos para o ingresso na escola. Entrava apenas quem atestasse a identidade em mãos. Quem fazia a segurança do local eram os alunos. O guarda ficava de fora. Atravessando os limites da porta principal, os alunos no saguão se aproximavam para atender cada interessado que chegava. Na parede, cartazes. Frases de coragem de outros apoiadores. À menina que me recebe, digo-lhe que li uma matéria no jornal e decidi fazer uma visita para conhecer. Ela me apresenta a organização. Iniciava por uma disposição de comissões: 1. segurança; 2. infraestrutura; 3. alimentação; 4. atividades; 5. comunicação. Os estudantes decidiam entre si, por votação, quem ficaria encarregado de cada seção. O QG era a sala dos professores. Lá eles realizavam suas reuniões, deixavam seus objetos pessoais. Ali, sou apresentada a outros colegas. Com eles, uma professora de Sociologia, apoiadora do movimento. Explicam o motivo de sua ocupação. Indicavam uma tentativa de diálogo com o governador do RS, de modo que pudesse ser assegurada a garantia dos salários dos professores, que estavam sendo parcelados, e os materiais para os quais não havia repasse de verba para compra, como papel higiênico e produtos de limpeza, além de discutirem a PL 44⁵, como questão. Com ajuda de doações, os alunos mantinham a escola limpa. Mostram-me as dependências do banheiro, enquanto um aluno realizava a limpeza. Nisto, uma menina nos interrompe e conversa separadamente com a pessoa que estava comigo. As duas retornam. Me pedem um tempo, pois precisariam se reunir para uma deliberação, e me convidam para retornar em outra data.

Combinado o horário, retorno na semana seguinte, com algumas doações, sugestões que me fizeram na ocasião anterior. Dois alunos me recebem no refeitório da escola. Eles mostram como alguns apoiadores estavam participando, com doações de alimentos. Enquanto conversávamos no café da manhã, uma aluna chega na cozinha, e com um colega começa a organizar a próxima refeição para aqueles que estavam na instituição. Demonstrado meu interesse em articular uma ação com eles, após avaliarmos juntos, neste dia, pensamos em organizar um encontro junto ao Laboratório de Pesquisa em Psicanálise Arte e Política (LAPPAP), no qual participo desde 2016, para o qual havia levado o assunto na universidade na ocasião em que estive no primeiro dia na escola. No

⁵Projeto de Lei 44, proposto pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul, com a proposição de que entidades privadas sem fins lucrativos, qualificadas como organizações sociais, possam firmar parcerias com o poder público para exercer atividades em áreas como o ensino, a saúde, a cultura e a preservação ao meio ambiente, prevendo também que essas entidades poderiam receber recursos públicos e estruturas físicas pertencentes ao Estado. Fonte: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.. Projeto de Lei 44/2016. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legislativo/ExibeProposicao/tabid/325/SiglaTipo/PL/NroProposicao/44/AnoProposicao/2016/Origem/Px/Default.aspx> . Acesso em 30 de março de 2019.

grupo de pesquisa, pensamos na possibilidade de articular uma conversa com uma proposta de Sarau que havíamos esboçado no início do ano, como atividade de extensão universitária, sobre o tema das utopias. Combinamos de articular isto durante a semana, por sugestão dos estudantes, uma vez que teriam reunião naquele mesmo dia.

Como podemos perceber, toda esta organização não era algo simples. Exigia grande disposição dos alunos, que se reuniam diversas vezes, entre si (muitas vezes renunciando seus compromissos pessoais), e entre outras ocupações na cidade, de forma autônoma e independente de partidos políticos. Exigia corpo para reuniões e tudo o que elas traziam: dificuldades, discordâncias, diferenças, negociações entre si.

Na mesma semana, retorno com uma colega do LAPPAP. Neste dia, um aluno nos explicou que o movimento estava tendo um enfraquecimento por parte de alguns colegas que não percebiam uma realização quanto às expectativas iniciais. Segundo ele, isso fez com que várias pessoas se retirassem das atividades e das comissões que eles criaram. Isso se expressava, inclusive, no fato de que a pessoa que havia agendado o horário para nos receber, não estava mais na ocupação. Além desta situação, havia o motivo de que os alunos do EJA, em sua maioria não apoiavam o movimento, gerando algumas discordâncias quanto à permanência, e contestando o apoio à greve dos professores que acontecia na cidade, embora, em contrapartida, os ocupantes estabelecessem em suas atividades os conteúdos do currículo pedagógico para que não só os concluintes, mas os demais estudantes cumprissem o ano curricular. Com isto, preferimos escutar e entender qual era o contexto do movimento naquele momento. Entendemos que esta era uma proposta de atividade que decantava da própria experiência, nos convocando a fazer silêncio e escutar.

Pelas circunstâncias de enfraquecimento do movimento, a escola tinha agendada uma assembleia ao longo da semana, pensando os rumos da ocupação. Assim, com os alunos, combinamos um encontro pós-assembleia.

A resolução da assembleia e uma posterior reunião com professores, demonstrava que a diretoria apoiava a ocupação, com intenção de incorporar as atividades curriculares no programa pedagógico dos secundaristas, ou seja, legitimar o que os alunos da ocupação já estavam realizando de forma independente. Falei com um dos estudantes, avaliamos que o sarau poderia ser bem-vindo nas atividades dos apoiadores naquele momento. Neste

sentido também que a comunidade participava, oferecendo ajuda, aulas, atividades culturais, planejadas com os ocupantes.

Após ter combinada a data, o LAPPAP vai à escola para conhecer a ocupação. Quando chegamos, uma agitação acontecia entre os alunos, professores e direção. O motivo era o recuo desta, por um acerto com a Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, de modo que as atividades regulares nos moldes antigos deveriam ser retomadas após o dia seguinte, como estabelecido com o governo local. Pergunto se podíamos ajudar de alguma maneira. Os alunos preferem não, pois teriam uma reunião com as outras ocupações sobre as negociações com o governo naquele mesmo dia, tendo sido agendada no momento que souberam desta notícia. Deste modo, nossa reunião entre os colegas do LAPPAP acontece no bar da frente da escola...

Dois dias depois, retorno à escola. Converso com algumas alunas que estavam lá. Elas pareciam muito chateadas com a determinação de desocupar a escola. Converso sobre o convite da proposta de atividade que pensamos. Elas respondem: “*Agora que vamos desocupar, o que nós vamos falar? O sarau também não pode ser aqui. Nós vamos desocupar*”. No sentido de possibilitar um espaço de conversa sobre o que estava acontecendo, mantenho a proposta da atividade que pensamos, e me disponibilizo para conversar, caso preferissem, ali ou em outro momento. Elas preferem não conversar. Digo-lhes que nosso Sarau mantém a data prevista, e que na impossibilidade de nos encontrarmos na escola, poderíamos fazer o encontro na sala do LAPPAP, na UFRGS. Confirmo a data, o horário e a definição de que seja na UFRGS, endereçando novamente o convite, caso se sentissem à vontade, sem necessidade de levar nada, manifestando que estivessem conosco, pois haviam nos inspirado muito.

Assim, convocamos o sarau *Utopia, resistência e criação: a invenção de novos lugares*, como atividade aberta à comunidade. “*Como resistir a esta lógica feroz de um funcionamento social que nos paralisa e anestesia? O que esta experiência pode nos ensinar? Como juntos podemos compor uma tessitura menos imperativa para o viver?*” Estas foram perguntas-convite do encontro e inspiradas na experiência estudantil. Infelizmente, os secundaristas não estiveram fisicamente conosco, mas suas atitudes reverberaram nas falas dos que estiveram presentes, abrindo um campo de conversa para refletir sobre a vida, a política, os espaços e a criação.

Ao longo da semana, ao tentar expressar o tocante destas experiências, escrevendo, surge uma lembrança de meu primeiro ano escolar, em 1993, e que guardo com carinho aqui.

Sala simples. Não chegava a ser uma biblioteca. Muitos livros espalhados por várias prateleiras metálicas, como as que ficavam na garagem da casa de minha avó. A professora, de rosto e de nome que insisto em rever na memória orientava que meus colegas e eu, entre 6 e 7 anos de idade, sentássemos em círculo, no chão com tapete, e que manuseássemos uma cópia do mesmo livro que ela segurava em suas mãos. Não faço a menor ideia de qual era o livro. Enquanto que, pelos muitos furinhos velhos de forro público, a chuva molhava nossa sala de aula principal, variando a rota para a improvisada sala dos livros, nós todos, um a um tomávamos conta do livro, num instante que o fazia nosso também. Importava o que saía do livro. Minha vez. As ilustrações saltavam do livro para os meus olhos ou dos meus olhos para o livro. Já nem sabia mais qual era a lógica daquela leitura. Vai-e-vem de olhos-imagem, olhos-imagem. Olhos-imagem, olhos-imagem, olhos-imagem. Voz. A professora começa a contar a estória. Era a leitura do livro nas mãos dela, em minhas mãos, da voz dela, na cabeça minha. A imagem era pura fruição. Imaginação. Enquanto a voz arrepiava o livro, uma sobreposição de imagens saltava dentro da minha cabeça. Daí em diante tudo é imaginação!

Ao final do ano, me inscrevo para seleção de mestrado do programa de Psicanálise: Clínica e Cultura da UFRGS, com a intenção de contornar a questão “*como transmitir uma experiência de ocupação de escola no Brasil?*”

Em 2017, de passagem em São Paulo para uma reunião dos *Psicanalistas pela Democracia*⁶, um pouco antes do trabalho com meus colegas, encontro um aluno secundarista. Em uma conversa informal, ele conta como havia sido o momento de ocupações por lá. Um memorável relato, que de imediato não consegui descrever. Ao final do encontro, ele sugere alguns documentários, gravados durante as ocupações e a leitura de um livro, criado coletivamente pós-desocupações. Retorno para Porto Alegre com as palavras dele, e um exemplar do *Escolas de Luta* (2016)⁷, conforme sua sugestão. Procurando narrar e analisar com os estudantes paulistas o processo de mobilização de sua luta, contra o fechamento de quase cem escolas no final de 2015, o livro oferece algumas pistas que iluminam a reflexão sobre a dimensão política e inovadora deste movimento, ilustrando muito do que estudante havia me contado e que por algum motivo eu não conseguia articular com palavras no papel. Ao final do livro, na seção anexo, sou surpreendida por uma figura que ilustra a primeira página do manual intitulado “*Como ocupar um colégio? Manual escrito por estudantes secundaristas da Argentina e Chile*”⁸, traduzido pelos brasileiros, e que acabou servindo de referência para os processos de mobilizações secundaristas no restante do país.

Parecendo ser um xerox do manual, naquele momento, não conseguia decifrar o que eram os objetos que compõem a imagem. Esta impossibilidade me lançou uma investigação de pesquisa. Por alguns segundos, permaneci fixada na imagem, contornando a página para entender, virando-a em um movimento circular. Ainda com dificuldade de compreender, faço uma busca na internet ‘escolas ocupadas no Chile e na Argentina’ e encontro a mesma imagem ampliada. Percebo então que a ilustração é composta por cadeiras escolares cravadas na extensão de um muro com telas de proteção. Naquele instante, a ilustração tomava uma significação reveladora, congregando muito do que o secundarista havia me contado. Neste recorte, o mobiliário escolar parecia fazer a proteção de um novo espaço estudantil, imprimindo um sentido de que o estilo de proteção antiga não era mais suficiente para a segurança de que precisavam.

⁶Plataforma virtual de circulação, reflexão e engajamento com a democracia, na qual trabalho como editora (2016/2019). Dispositivo que surgiu do ato “Psicanalistas pelo apoio incondicional à democracia”, realizado no Instituto de Psicologia da USP, em 07 de abril de 2016. Disponível em <http://psicanalisedemocracia.com.br/>.

⁷ Livro. CAMPOS, A.; MEDEIROS, J.; RIBEIRO, M. (org.). São Paulo: Veneta, 2016.

⁸ “*Como ocupar um colégio? Manual escrito por estudantes secundaristas da Argentina e Chile*”. In: CAMPOS, A.; MEDEIROS, J.; RIBEIRO, M. (org.). *Escolas de Luta*. São Paulo: Veneta, 2016. p. 338

Disto, procuro por fotografias do uso da cadeira nas ocupações de escolas no Brasil. Deste contato nasce um enlace para seguir contornando a questão “*como transmitir uma experiência de ocupação de escolas no Brasil?*”



figura 3. [Fotografia] remete à ilustração do material *Como ocupar um colégio?* Manual escrito por estudantes secundaristas da Argentina e Chile. Fonte: O Mal Educado (mídia eletrônica. facebook/@mal.educado.sp). abril, 2013.

O que registro aqui com estas palavras são pontos iniciais que se apresentam em forma de esboço, implicado por um movimento, aparentemente constante, na presença da psicanálise; *movimento* e *presença*, portanto, que compreendem, o nosso *não saber* e um *fazer saber(-se) com*. São articuladores que contornam a indagação “*como transmitir uma experiência de ocupação de escola no Brasil?*”

Com esta pergunta, desejamos uma convocação para aquilo que as experiências das ocupações apontam: a possibilidade de deslocar o pensamento, a partir de uma (dis)posição de lugares. Neste ímpeto, nossa defesa parte da ideia de que a escrita insiste como um dos modos de transmissão, considerando o texto ensaístico como campo aberto, passagem para o pensamento, sem a pretensão de respostas definitivas ou definidoras.

Assim, esta dissertação tem a intenção de transmitir uma experiência de escrita e de leitura sobre o fenômeno das escolas ocupadas no Brasil, entre 2015 e 2016, procurando evocar alguma (dis)posição, que articule *movimento* (de ideias), *presença* (de sujeito) e possibilidade de *criação*, presentes na mobilização estudantil como força política.

2 NOTAS METODOLÓGICAS

A pesquisa psicanalítica exercita na própria metodologia investigativa as noções de sua ética. Movimenta-se, desde a relação do inconsciente com a palavra, lançando-se com uma possibilidade de história a um lugar temporariamente indeterminado. Por levar em consideração a noção do inconsciente e da verdade do sujeito, a pesquisadora aventura-se, então, em campo, a partir de conteúdos latentes, disparadores iniciais, remetendo-os a uma outra presença, com a qual constrói a cada passo as preliminares de um *fazer-se(r) verdade por vir*, e assim encarna a face vacilante de sua propriedade inconsciente. Por estas considerações, em nossa pesquisa psicanalítica, escolhemos o ensaio como método.

A psicanalista e ensaísta Tania Rivera (2012) nos mostra que o ensaio “recusa-se a apresentar visões de mundo prontas e inquestionáveis” (RIVERA, 2012, p.12), sendo que neste método “*ensaia-se* - ou seja, *tateia-se* um terreno que não se abarca ou compreende de imediato e nele experimenta-se um gesto que não se apresenta como ato consumado.” (RIVERA, op.cit. , p.12); neste campo “o autor não detém de saída uma teoria, mas formula questões para uma obra ou evento e espera que estas lhe tragam respostas” (RIVERA, op.cit. , p. 12), de modo que “em lugar de aplicar uma teoria sobre um objeto passivo e inerte, o ensaio visa, assim, ativá-lo, *dar-lhe voz*”. (RIVERA, op.cit., p. 12). Lida, portanto,

“de modo explícito e assumido com a questão da transmissão, ou seja, de modo de circulação da reflexão, entendendo que o texto nunca consiste em neutro veículo de uma ideia pura, mas é, nele mesmo – em suas palavras, pontos e vírgulas, assim como no branco do papel entre eles -, *o pensamento*.” (RIVERA, op.cit., p. 12)

Neste trabalho, portanto, ensaiamos as palavras para experimentar um movimento de pensamento, partindo de um interesse curioso em manter vivaz o espírito criativo presente nas ocupações. Lançamos nossas letras no papel como convite para uma conversa, sem a pretensão de esgotar as variáveis respostas de nossa indagação inicial, considerando o ensaio como uma tentativa de “compreensão da linguagem do outro e invenção de uma linguagem própria; escuta de um sentido comunicado e criação de relações inesperadas”, como indica o ensaísta Jean Starobinski (2012, p. 24).

Neste sentido, nos deslocamos no texto partindo dos relatos descritos até então, destacando duas aparições iniciais, *presença* e *movimento*. Utilizaremos fotografias, anotações pessoais registradas pela pesquisadora, recortes de documentários, reportagens e entrevistas com o tema das escolas ocupadas, elementos que foram sendo contatados ao longo da pesquisa, e que foram sendo articulados por uma composição associativa.

A ensaísta Silvina Rodrigues Lopes (2012) apresenta o ensaio como “um *modo de partir*” (LOPES, 2012, p. 128), no sentido de que com seu *locus* de partida “o mais importante são as linhas que se traçam” (LOPES, op.cit., p. 128), partilhando

com outros tipos de discurso um lugar de rasgão da ideologia, através do qual se abre a possibilidade de reconciliação do mundo consigo mesmo, com o seu infinito, com a natureza, que não é o outro da aparência, mas a força da aparição. (LOPES, op.cit., p. 129).

Assim, considerando o ensaio como força na presença de um outro discurso, nos lançamos com “outros textos e coisas, vozes, gestos, ideias ou lugares” (LOPES, 2012, p. 128) a procurar novas interlocuções.

Neste sentido, procuramos encontrar na própria via da experiência de pesquisa/escrita novas composições para a pergunta “*como transmitir uma experiência de ocupação de escola no Brasil?*”. Para tanto, esta indagação propõe não a busca de uma verdade absoluta, mas a construção de verdades contextuais, relativas e singulares, aproximando-se de outras questões trazidas com ela, desde o tocante da experiência de escrita e de leitura da pesquisadora, com as ocupações e com o ensaio, considerando este como “expansão [...] energia corpo-linguagem” (Lopes, op.cit., p. 128), a encontrar novas conexões.

3 QUANDO AS IMAGENS TOMAM POSIÇÃO – OCUPAÇÕES DE ESCOLAS NO BRASIL⁹



figura 4. [fotografia] *Grupo fecha Marginal Pinheiros*. Aloisio Mauricio (fotógrafo). Fonte: BandNews (mídia eletrônica/site). dezembro, 2015.

Ninguém duvidava de que um acidente muito grave tivesse acontecido naquela área, única explicação para aquela lentidão incrível. E com isso, o governo, o calor, os impostos, o tráfego, um assunto atrás do outro, três metros, outro lugar comum, cinco metros, uma frase sentenciosa ou uma maldição contida. (CORTÁZAR, 1994, p.5)

No momento em que as arbitrariedades do governo acentuavam os limites da democracia em nosso país, entre 2015 e 2016, um movimento de estudantes revelava sua força utópica. Os secundaristas saíam nas ruas para protestar. Resistindo às autoridades, ocupam as escolas, reivindicando por participação nas decisões sobre os rumos da educação no país. Assim, reinventam nossos espaços comuns do cotidiano.

O psicanalista e professor Edson Sousa (2007) nos ensina que “a utopia tem a importante função de resistir aos imperativos do consenso que cada vez mais o laço social

⁹ Artigo parcialmente submetido à apreciação para publicação. Em avaliação até novembro/2020.

nos impõe” (Sousa, 2007, p. 14), atribuindo a este conceito a noção de “um desassossego do presente acossado pela responsabilidade com o amanhã” (Sousa, op. cit., p. 25-26), na medida em que a utopia nos “diz de uma insatisfação do presente e fundamentalmente de um desejo de transposição.” (Sousa, op. cit., p. 27).

Penso nas ocupações escolares como um movimento que imprime este entendimento, ao convocar deslocamentos que exigem a posição de trans-por-se, a partir das emergências que surgem a cada momento, para as quais não existem respostas prontas. Assim, os estudantes contornam novos lugares. Mas, que lugares são estes?



figura 5. [fotografia]. *Estudantes protestam em São Paulo contra o fechamento de escolas.* Monica Bergamo. (jornalista). Fonte: El País Brasil (mídia eletrônica/jornal). novembro, 2015.

Como podemos acompanhar, o movimento de ocupação de escolas no Brasil foi uma iniciativa de estudantes de São Paulo, que procuravam uma resposta ao projeto de reorganização escolar por ciclo¹⁰, que ocasionaria o fechamento de quase cem escolas no estado, e que fora anunciado por Geraldo Alckmin, então governador de São Paulo, no final de 2015, para entrar em vigência no ano seguinte.

¹⁰O plano em questão previa a divisão do ensino escolar por ciclo, distribuindo os alunos nas escolas conforme a idade dos estudantes, compreendendo as faixas de 6 a 10 anos; 11 a 14 anos; e 15 e 17 anos.

No livro *Escolas de Luta* (2016), organizado pela socióloga Antonia Campos, pelo doutor em educação Jonas Medeiros e pelo professor Márcio Ribeiro (2016), com secundaristas de São Paulo, é possível observar alguns motivos pelos quais os jovens lançaram-se neste desafio, destacando-se entre eles o fato de que muitos tomaram conhecimento da proposta de reorganização, através da “televisão ou por boatos” (CAMPOS, MEDEIROS e RIBEIRO, 2016, p. 31), demonstrando um “fracasso da Secretaria de Educação não apenas em incluir a comunidade no processo, mas inclusive em informá-la” (CAMPOS, MEDEIROS e RIBEIRO, op. cit., p. 31). Esta circunstância inviabiliza ou desconsidera a importância de uma problematização crucial sobre os efeitos das mudanças no dia-a-dia dos alunos, como “disponibilidade dos pais para acompanhar filhos menores à sua nova escola (agora separada da escola do irmão maior), a natureza do trajeto a ser realizado, [...], e o custo” (CAMPOS, MEDEIROS e RIBEIRO, op. cit., p. 34-35), bem como a futura superlotação das salas de aula que esta medida implicaria. Estes elementos, somados ao entendimento de que “não se trataria de uma medida positiva para a qualidade da educação pública” (CAMPOS, MEDEIROS e RIBEIRO, op. cit., p.37) deflagra um sentimento de revolta “de ter algo com grande significado (a escola) tirado de si” (CAMPOS, MEDEIROS e RIBEIRO, op. cit., p. 37).



figura 6. [fotografia] *Disputa da cadeira escolar em dia de protesto*. Fonte: Jornal GGN (mídia eletrônica / jornal). dezembro, 2015.

Com implicações que evidenciam o insucesso da Secretaria de Educação em incluir os interesses da comunidade escolar como pauta na agenda do governo, e seu consequente fracasso enquanto representação civil, deflagra-se, então, a mobilização dos estudantes, clamando por reconhecimento das demandas escolares, presentes no dia-a-dia, no sentido de que um modo prescritivo da vida escolar passa a ser inadmissível, como afirma o filósofo, ensaísta e professor Peter Pál Pelbart (2016) em sua Carta Aberta aos Secundaristas:

Essa ruptura, essa reviravolta e o seu efeito significam o seguinte: o que até então era a trivialidade cotidiana, de repente torna-se intolerável. Por exemplo, se até então parecia natural que quem decidia sobre os equipamentos escolares eram os gestores, nos seus gabinetes, subitamente isso aparece como uma aberração intolerável para aqueles a quem tais equipamentos supostamente estão destinados. Com isso, todo um conjunto de coisas torna-se intolerável. (PELBART, 2016, p. 9)



figura 7. [fotografia] *Estudantes reivindicam a CPI da Merenda*. Leandro Moraes (fotógrafo). Fonte: VaiDaPé (mídia eletrônica/ revista). maio, 2016.

Clama-se, assim, por um lugar de participação política, que havia sido negado pelo Estado, onde as considerações da comunidade escolar devem marcar presença. Neste contexto, as ações dos alunos apresentam-se inicialmente em oposição às diretorias

locais, solicitando posicionamento quanto à medida anunciada pelo governo, de modo que, “com a expressão da indignação no Facebook, nos grupos de WhatsApp e no cotidiano da escola” como aponta (ORTELLADO, 2016, p.12), percebe-se que o sentimento de revolta era compartilhado, fazendo nascer um movimento. Assim, de um conflito local nos bairros, a articulação dos estudantes se atualiza em passeatas e protestos nas regiões centrais, com o encontro de várias escolas, passando a se manifestar em trancamentos de avenidas, convocando a sociedade e as autoridades a olharem para a necessidade de diálogo. Na medida em que os estudantes se reuniam, nota-se que “[...]começaram, cada vez mais, a aparecer novas pautas para além da “reorganização”, tanto de demandas internas a cada escola quanto de democratização da gestão escolar em geral” (CAMPOS, MEDEIROS e RIBEIRO, op. cit., p. 146).



figura 8. [fotografia]. *Secundaristas realizam ALESP Fashion Week em ocupação.* Leandro Moraes (fotógrafo). Fonte: VaiDaPé (mídia eletrônica/ revista). maio, 2016.

Na medida em que as pautas são lançadas entre os alunos, eles nos dão uma verdadeira aula, transformando o cotidiano de maneira inventiva. Sobre isto, gosto de lembrar da fala de uma aluna, no documentário *Lute como uma menina*, dirigido por Beatriz Alonso e Flávio Colombini (2016). Ao revelar como foi o momento em que decidiram ir para rua protestar, ela explica como se organizaram para sair, e indaga uma

pergunta reflexiva ao constatar que não sabiam o que levar, porque, segundo ela, a maioria nunca tinha ido para rua. Questiona-se assim: “como era ir pra rua? era tipo pesquisar no *google* como fazer uma manifestação?” (informação verbal)¹¹



figura 9. [fotografia]. *Estudantes usam cadeiras escolares como escudos nas manifestações de rua.* Caio Castor (fotógrafo). Fonte: Trip (mídia eletrônica/ revista). abril, 2016.

Esta questão parece gestar uma marca das ocupações: a possibilidade de inventar modos de enfrentamento, modos de resistência, modos de habitar o cotidiano, diante de um *não saber*, construindo suas possibilidades na relação com seus semelhantes, na emergência dos acontecimentos, e organizando-se com os elementos disponíveis no ambiente, como fizeram ao longo do movimento.

¹¹Fala de uma estudante (min 4:04 a 4:18), resgatada do documentário Lute como uma menina. ALONSO, B.; COLOMBINI, F. Lute como uma menina (Documentário). 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA&t=257s>. Acesso em 12 de dezembro de 2018.



figura 10. [fotografia]. Alunos de escola em São Paulo com lista de mantimentos pedem ajuda. Fonte: Centro de Referências em Educação Integral (mídia eletrônica/site). junho, 2016.

Outro exemplo disto pode ser acompanhado no documentário *Acabou a paz isso aqui vai virar o Chile*, produzido por Carlos Pronzato (2015). Em assembleia realizada com colegas dentro de sua escola, com um pronunciamento, um dos alunos anuncia o estabelecimento das ocupações:

Mesmo com diversas manifestações que pararam a cidade e cobraram a secretaria de educação e a diretoria de ensino de todo estado, nós não fomos ouvidos e por isso decidimos ocupar as escolas” (informação verbal).¹²

Ou seja, a própria escola passa a ser ao mesmo tempo causa e instrumento de luta, afirmando, assim, uma posição de resistência coletiva.

¹²Comunicação de um estudante em assembleia escolar. (Min. 0:18 a 0:31). *Acabou a paz isso aqui vai virar o Chile* (documentário). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw&t=132s>. Acesso em 17 de março de 2019.



figura 11. [fotografia] *E.E. Emygídio Ocupada*. Fonte: (mídia eletrônica/ @mal.educado.sp). maio, 2016.

São atitudes como estas que rompem “o isolamento individualista do cotidiano escolar” (ORTELLADO, op. cit. p. 13.), na medida em que os alunos criam “uma nova sociabilidade no processo de luta” (ORTELLADO, op. cit., p. 13), revelando “o que uma tradição autonomista chama de política pré-figurativa, a capacidade de forjar, no próprio processo de luta, as formas sociais a que se aspira, fazendo convergir meios e fins” (ORTELLADO, op. cit., p. 13). Talvez seja como inventar um poema, em uma zona de conflito, em que letra a letra é possível inscrever algumas iluminuras, como fazem os secundaristas Koka e Fabrício Ramos (2015), porque “somente o que está emergindo ou o que recém-passou possui a distância que o raio de luz da tomada de consciência necessita para brilhar” (BLOCH, 2005, p. 283), e assim nos interpelam como faísca:

Acordei, olhei pro lado, vi manifestação. E do outro lado vi uma pá de ocupação. Enquanto uns gritavam felizes “É campeão”, outros apanhavam e lutavam pela educação. Política desinteressante, causada pela corrupção. Estigma, digna, indignação. Qual seria o tema do debate em questão: gol da Alemanha ou senador no mensalão? Suor, cansaço, causado pela exaustão. Fome e morte causada pela ambição. Enquanto nas ruas o que se vê é opressão, auto opressão, e na mídia alienação, e quem será o culpado em questão aquele que é eleito ou aquele que vota na eleição? Direita tropa de choque, em cima o governo fascista,

esquerda argumentação, embaixo secundarista. Ocupar e resistir, ocupar e resistir. (KOKA e RAMOS, 2015)¹³



figura 12. [fotografia] *Estudantes e polícia*. Fonte: O Mal Educado (mídia eletrônica/ @mal.educado.sp). maio, 2016.

Neste ritmo, emerge no Brasil uma série de manifestações estudantis, afirmando uma revolta no país. Com a mobilização de várias escolas em diferentes estados, acompanhamos distintas pautas, a partir de problemas locais, que em comum questionam a qualidade e o futuro da escola pública. A partir disto, os estudantes realizam efetivas experiências políticas, trazendo à tona novos sentidos para nossas questões cotidianas.

¹³Ocupar e Resistir, letra música interpretada por Koka e Fabrício Ramos. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PqiHEh1ly6U> . Acesso em 15 de dezembro de 2018.



figura 13. [fotografia] *Estudantes fazem catracaço no Metrô Butantã*. Leonardo Benassatto (fotógrafo). fonte: G1 São Paulo (mídia eletrônica/jornal). dezembro, 2015.

Percorrendo o país, “as reivindicações levantadas pelos estudantes refletiam os planos de precarização, privatização e sucateamento da educação pública, além da corrupção dos governos” (ESQUERDADIÁRIO, 2016)¹⁴. Em Goiás, por exemplo, 27 unidades estudantis protestavam contra as medidas que incluíam o “fechamento de colégios integrais, transferência da administração de escolas públicas para o setor privado[...]e a militarização da educação por meio da transferência administrativa de colégios para a secretaria de segurança.” (QUEIROZ, CHAGAS, ROCHA, 2017, p. 4).

¹⁴ Informação de notícia intitulada Retrospectiva 2016: As ocupações estudantis que sacudiram o Brasil.



figura 14. [fotografia] *Estudantes fazem 'cadeiraço' contra a privatização em Goiás*. Vitor Santana (repórter). fonte: Esquerda Diário Movimento Revolucionário dos Trabalhadores. (mídia eletrônica/site). janeiro, 2016.

Acompanhando o vídeo *Ocupação das Escolas em Goiás*¹⁵ (2015), é possível conhecer que neste estado os alunos protestavam contra as organizações sociais, a partir do anúncio do governo que autorizava o estado a contratar organizações privadas para administração das escolas públicas. No vídeo, os alunos alegam que com a entrada das OSs (organizações sociais) nas escolas, passam a ser cobradas taxas, trazendo exemplos das escolas militares que “cobram valor de livros, farda, [...] taxa de matrícula e taxa mensal.” (informação verbal, 2015)¹⁶ Para eles, os protestos em forma das ocupações representam a exigência da garantia do direito por uma educação pública de qualidade. Neste sentido, convocam apoio “principalmente dos pais, dos professores, [...] da comunidade que mora em volta das escolas”. (informação verbal, 2015)¹⁷

Um exemplo de como se deu a participação dos apoiadores neste estado pode ser visto nesta notícia da RedeBrasil (2015). Com a defesa de que “empresários são melhores

¹⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fNfPdZACaJo> . Acesso em 21 de março de 2019.

¹⁶Fala de estudante entrevistado no vídeo *Ocupação das Escolas em Goiás*. Min. 3:11 a 3:43. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fNfPdZACaJo> . Acesso em 21 de março de 2019.

¹⁷Fala de estudante no vídeo *Ocupação das Escolas em Goiás*. Min. 3:44 a 4:39. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fNfPdZACaJo> . Acesso em 21 de março de 2019.

gestores do que educadores” (REDE BRASIL ATUAL, 2015)¹⁸, opondo-se ao protesto dos estudantes que eram contra a entrada das OSs para administração das instituições públicas de ensino, a Secretaria Estadual de Educação, Cultura e Esportes de Goiás, em 14 de dezembro de 2015, através de um ofício, havia solicitado o corte de fornecimento de água para oito escolas ocupadas nos municípios de Goiânia, Anápolis e Aparecida de Goiânia, como se observa na notícia veiculada pela Rede Brasil Atual (2015). Com esta ofensiva, como nos mostra a notícia, advogados-apoiadores entraram com mandado pela garantia do fornecimento de água e de energia elétrica nas instituições ocupadas, contribuindo para a permanência das ocupações em Goiás.



figura 15. *Cadeiras isso aqui vai virar o Chile* [fotografia]. Fonte: O Mal Educado (mídia eletrônica / @mal.educado.sp). outubro, 2016.

¹⁸Rede Brasil Atual. **Secretaria de Educação de Goiás solicita corte de água em escolas ocupadas.** (notícia). 2015. Disponível em <https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2015/12/secretaria-de-educacao-de-goias-solicita-corte-de-agua-em-escolas-ocupadas-8596.html> . Acesso em 24 de março de 2019.

Outro exemplo de mobilização social a favor das ocupações pode ser visto como aconteceu no Rio de Janeiro. Em uma das instituições ocupadas, com a participação de apoiadores-artistas, além de oficinas de teatro e de dança, durante o processo de resistência dos estudantes, foi realizado um festival chamado “Viradão Musical”, em abril de 2016, com o objetivo de fortalecer a resistência das ocupações, atraindo a comunidade do entorno da escola e a mídia independente, como se evidencia na fala um dos apoiadores presentes: “Essa ocupação tem por objetivo chamar atenção para educação. [...] Estamos mostrando para vocês o que a televisão não mostra” (UNIÃO Brasileira dos Estudantes Secundaristas, 2016)¹⁹. A atividade consistiu na realização de uma tarde musical em uma das escolas ocupadas, com intervenções de artistas, estudantes, pais e professores.



figura 16. [fotografia] *Arte na sala de aula*. Fonte: Cairu Resiste (facebook/@ocupacairu). abril, 2016.

¹⁹ Fala de um dos artistas-apoiadores durante o Festival Viradão Musical. UNIÃO Brasileira dos Estudantes Secundaristas. **Festival de música movimenta escola ocupada no Rio de Janeiro**. (notícia) abr. 2016. Disponível em <http://ubes.org.br/2016/festival-de-musica-movimenta-escola-ocupada-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em 24 de março de 2019.

Como nos mostram Queiroz, Chagas e Rocha (op. cit., p. 4), no estado do Rio de Janeiro, a partir de março de 2016, mais de 80 instituições de ensino passaram a ser ocupadas por alunos, que manifestavam, entre outros motivos, a reivindicação por democracia escolar mediante eleição direta para diretores e um pedido para o fim da política de avaliações externas, que são instrumentos de avaliações nacionais e internacionais estabelecidas para classificar as instituições de ensino, dentro de uma perspectiva de meritocracia de desempenho presente na rede de educação estadual através de provas do SAERJ - Sistema de avaliação da educação do Estado do Rio de Janeiro.



figura 17. [fotografia] Alunos cuidam da limpeza da Escola Estadual Prefeito Mendes de Moraes na Ilha do Governador. Tânia Rego (fotógrafa). Fonte: G1 Rio de Janeiro (mídia eletrônica/jornal). abril, 2016.

Uma reportagem do Jornal Futura (2016), intitulada *Estudantes ocupam escolas no RJ por melhores condições* (Jornal Futura, 2016)²⁰ mostra o êxito dos protestos no Rio de Janeiro, noticiando a decisão da secretaria estadual de educação de “admitir a eleição direta para diretor nas escolas, além de reduzir de quatro para duas as avaliações

²⁰ ESTUDANTES ocupam escolas no RJ por melhores condições. (vídeo-reportagem). Jornal Futura. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rusr3lGaT6M> . Acesso em 21 de março de 2019.

diagnósticas da rede e acabar com o programa de bonificação por resultados [...]” (Jornal Futura, 2016). Nesta reportagem, também é possível perceber a relação dos alunos com o espaço físico da instituição de ensino. Percorrendo salas que costumavam ficar trancadas de uma das escolas ocupadas, os alunos encontraram muitos objetos em desuso, considerando que poderiam ser resgatados para as aulas, como caixas de som, cadeiras e classes escolares e outros materiais, como reflete um dos alunos entrevistados:

É revoltante, porque no ano passado tiveram turmas que ficaram sem livros. Nós achamos isto um absurdo. Teve matéria que tava empurrando desde o início do ano sem livro. Nós tivemos que copiar muito, sendo que como vocês podem ver tem muitos livros aqui. (Fala de estudante, 2016)²¹

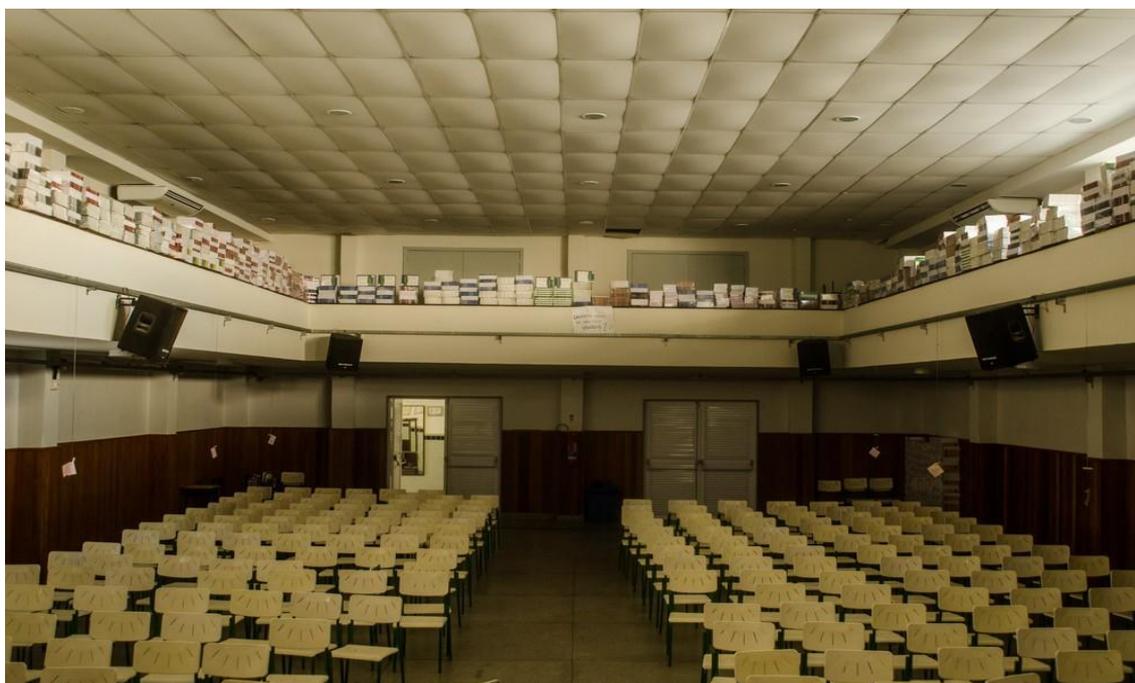


figura 18. [fotografia] *Onde estão os livros da escola?* Fonte: Outras Mídias (mídia eletrônica/site). abril, 2016.²²

²¹Para visualizar a imagem a que se refere o estudante, acessar o vídeo. Min 5:26 a 5:37. ESTUDANTES ocupam escolas no RJ por melhores condições. (vídeo-reportagem). Jornal Futura. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rusr3lGaT6M> . Acesso em 21 de março de 2019.

²²Esta fotografia não se refere à citação anterior. Ela é referente a outra escola no Rio de Janeiro, onde também foram encontrados livros guardados durante as ocupações como mostra a reportagem *E as ocupações de escolas chegam ao Rio*. Disponível em <https://outraspalavras.net/outrasmidias/e-as-ocupacoes-de-escolas-chegam-ao-rio/> . Recuperado em 24 de março de 2019.

No Rio Grande do Sul, a precarização da educação foi um dos motivos recorrentes para iniciar as ocupações. O depoimento de uma aluna resgatado do livro *Escolas Ocupadas* (2017, p. 130) dá o tom da situação precária:

Luíza, Paula Soares

O nosso prédio, por ele ser tombado, não pode sofrer grandes mudanças na estrutura. Então, por exemplo, o teto tem muitas goteiras, tanto é que tem várias [salas] alagadas. A escola fica inteiramente alagada. O corrimão dá choque. [...] A última vez que a escola recebeu um repasse de verbas para reformas – básicas, porque o repasse foi muito baixo – foi há 25 anos. (GOMES e FOGLIATTO, 2017, p. 130).

Criando tensionamentos com o governo, no Rio Grande do Sul, os estudantes posicionavam-se contra ao Projeto de Lei 44/2016²³, exigindo garantias de uma educação pública de qualidade. Neste sentido, os alunos entendem que a possibilidade de ocupar as escolas como forma de reivindicação promove uma outra relação com o espaço, diferente do que se entendia como cotidiano escolar, questionando a ideia de que “muitos veem a escola como se fosse um depósito.” (Maria, citada por Gomes e Fogliatto, 2017, p. 138).

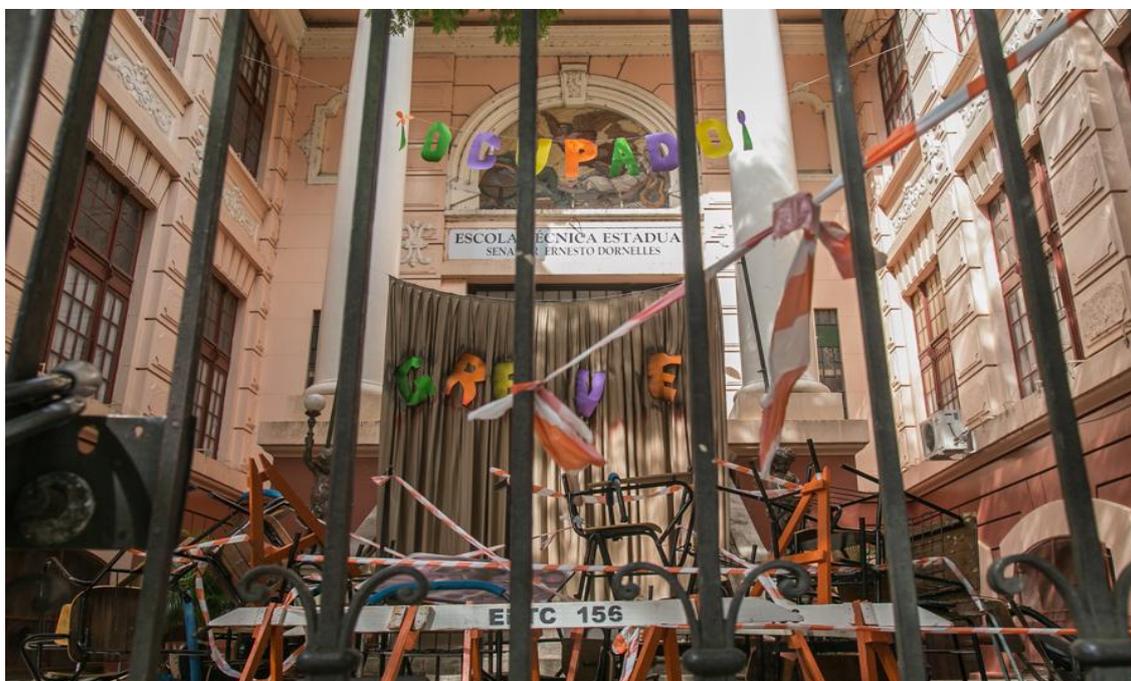


figura 19. [fotografia] *Escola ocupada em Porto Alegre*. Joana Berwanger (fotojornalista). Fonte: Sul21 (mídia eletrônica / jornal). maio, 2016.

²³ Sobre isto, ver nota. p. 17

Fernando Seffner (2017), que realizou uma pesquisa cartográfica com algumas escolas no Rio Grande do Sul indica como uma das marcas relevantes sobre o uso do espaço escolar pelos alunos a noção de “estar na escola como um momento de happening” (SEFFNER, op. cit., p. 28), lembrando de um episódio em que os alunos fazem uma fogueira no pátio da escola como uma forma de lazer autêntica, reservando um tempo de troca de experiências somente para os ocupantes (Seffner, op. cit., p. 36-37). Segundo este pesquisador, com a mobilização de resistência dos estudantes, a escola passa a ser ocupada por uma outra modalidade de afetos, afirmando que

ocupar a escola, permanecer nela todo o dia, ali cozinhar, ali dormir, receber os visitantes que chegam, resistir às pressões para desocupação, organizar o cotidiano, providenciar o necessário para viver, tudo isso gerou intensa sociabilidade entre alunos e alunas. (SEFFNER, op. cit., p. 34).

Este entendimento converge para o que algumas pessoas entendem como um outro projeto de sociedade, como aponta uma estudante: “No momento que a gente está aqui, tem que organizar comida para todo mundo, organizar segurança, organizar toda essa infraestrutura, é um projeto de sociedade.” (Nathália, citada por Gomes e Fogliatto, op.cit., p. 138), não apenas porque exige uma organização do espaço físico, mas porque essa necessidade evidencia que os alunos ocupam “por algum motivo” (Nathália, citada por Gomes & Fogliatto, op. cit., p.139), como nos mostra outro secundarista:

A gente espera conseguir uma educação melhor, uma infraestrutura melhor, para os professores poderem ter condições dignas de trabalho, porque aqui os professores não têm um apagador. Eles que fazem vaquinha para poder comprar. [...] (Bruno, citado por Gomes & Fogliatto, op.cit., p. 132).

Ou seja, refere-se a um projeto de sociedade que pensa sobre o bem comum da educação:

Se as pessoas forem parar para ler; chegar aqui para conversar com a gente, para expormos as nossas opiniões e nossas críticas, elas vão ver que a ocupação é só para o bem. É para o bem de todo mundo. (Ana Paula, citada por Gomes e Fogliatto, op. cit., p. 139).



figura 20.[fotografia] *A educação pede socorro*. Fonte: O Mal-Educado (mídia eletrônica. facebook/@mal.educado.sp). maio, 2016.

Nesta perspectiva, no estado do Paraná, estudantes de escolas ocupadas circulam entre outras instituições de ensino, com o objetivo de prestar assistência, como nos mostra a reportagem de Rocha e Dietrich (2016) *Uma madrugada na 1ª escola ocupada no Paraná contra a reforma do ensino médio*. Neste fluxo, estudantes redistribuem doações de mantimentos a outras instituições de ensino ocupadas que estejam precisando, e procuram compartilhar os instrumentos de luta de que dispõem, oferecendo, por exemplo, oficina de cartazes e instruções sobre algumas medidas de segurança, utilizando o telefone celular, como esclarecem Rocha e Dietrich (2016)

Neste estado, os estudantes iniciaram suas manifestações em outubro de 2016 contra a Medida Provisória do Ensino Médio - MP 746/ 2016, apresentada por Michel Temer em setembro de 2016, como informa Alessi (2016). Tal medida previa alterações na estrutura do ensino médio, através da criação da Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral²⁴, e entre outras proposições preconizava

²⁴Congresso Nacional. Medida Provisória 746/2016 (Reformulação Ensino Médio). Disponível em <https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/126992> . Acesso em 16 de março de 2019

a ampliação da carga horária mínima anual do ensino médio, sendo estes os motivos iniciais de protesto dos secundaristas paranaenses.



fotografia 21. [fotografia]. *De estudante para estudante*. Fonte: Banda B (mídia eletrônica/ jornal). novembro, 2016.

Entre as contestações dos estudantes, há a exigência de um espaço de diálogo com a comunidade escolar a qual será afetada pelas mudanças anunciadas. O corajoso pronunciamento de uma representante dos secundaristas paranaenses na assembleia legislativa em outubro de 2016 atenta para os efeitos desta e de duas outras medidas que estavam em discussão em 2016, a PEC 241/2016 e o Escola Sem Partido. A secundarista Ana Júlia no vídeo *Discurso da estudante Ana Júlia, líder do movimento estudantil que ocupa as escolas do Paraná / PR. (2016)* nos alerta:

[...] Que futuro o Brasil vai ter se não nos preocuparmos com a geração de pessoas que vão desenvolver senso crítico, pessoas que tem que ter um senso crítico político, pessoas que não podem simplesmente ler um negócio e acreditar naquilo? [...]. Nós temos que ser contra o analfabetismo funcional que é um grande problema do Brasil hoje. E é por isso que nós estamos aqui. É por isso que nós ocupamos as nossas escolas. É por isso que a gente levanta a bandeira da educação. É por

isso que a gente é contra a medida provisória. [...] A gente sabe que a gente precisa de uma reforma no ensino médio, não só no ensino médio, como no sistema educacional como um todo. A reforma da educação é prioritária, só que a gente precisa de uma reforma que tenha sido debatida, uma reforma que tenha sido conversada, uma reforma que precisa ser feita pelos profissionais da área da educação. É essa reforma que a gente precisa. [...] A medida provisória tem sim seus lados positivos, só que ela tem muitas falhas. Se a gente colocar ela em prática com essas falhas, a gente vai tá fadado ao fracasso. O Brasil vai tá fadado ao fracasso. A gente não tem somente a medida provisória como reivindicação. A gente tem também o popularmente conhecido lei da mordaga, escola sem partido que é uma afronta. Uma escola sem partido é uma escola sem senso crítico. É uma escola racista, é uma escola homofóbica. A escola sem partido é falar pra nós estudantes, é falar pros jovens, é falar pra sociedade que querem formar um exército de não pensantes, um exército que ouve e abaixa a cabeça, e nós não somos isso. Nós temos uma história, e nesta história, a gente luta contra isto. Em meados do século XXI, em pleno ano 2016, vocês querem nos colocar um projeto destes? O escola sem partido nos insulta, nos humilha, fala que a gente não tem capacidade de pensar, só que a gente tem. E a gente não vai abaixar a cabeça pra isso. A PEC 241 é outra afronta a gente. [...] Ela é uma afronta à constituição cidadã de 88. Nela a gente tem a seguridade social. A PEC 241 acaba com isso. É uma afronta à previdência social, é uma afronta à saúde, é uma afronta à educação. [...] A gente não pode simplesmente deixar isto acontecer. [...] A gente está aqui por ideais, nós estudantes estamos aqui por ideais.²⁵(Pronunciamento da secundarista Ana Júlia Ribeiro na Assembléia Legislativa do Paraná).

²⁵Discurso da estudante Ana Júlia, líder do movimento estudantil que ocupa as escolas do Paraná / PR.. Min. 2:14 a 5:47. Publicado em 26 de outubro de 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yM2sDQWIOs4> . Resgatado em 24 de março de 2019.



figura 22. [fotografia] *Barricada feita de cadeiras e lona*. Gabriel Dietrich (fotojornalista). outubro, 2016. Fonte: Vice (mídia eletrônica/site).

Os doutores em economia Pedro Rossi e Esther Dweck (2016) em uma pesquisa intitulada *Impactos do Novo Regime Fiscal na saúde e educação*, avaliam que a PEC 241/2016 (PEC 241) aprovada na Câmara dos Deputados, e que estava em tramitação no Senado Federal como PEC 55 na época em que realizaram a pesquisa, ao invés de ser uma medida de estabilização fiscal, que é o motivo porque se justifica sua implementação, é um empecilho ao crescimento econômico, uma vez que propõe a institucionalização e automatização de um ajuste fiscal permanente. Os pesquisadores afirmam que este regime “não tem cláusula de escape, ou seja, não permite uma flexibilização das regras fiscais diante de crises econômicas extraordinárias” (ROSSI e DWECK, 2016, p. 2). Além disto, “ao estabelecer um teto que reduz o gasto público em proporção ao PIB, há uma compressão dos gastos sociais” (ROSSI e DWECK, op. cit., p. 2), revelando que o impacto desta medida não é uma tendência à estabilização fiscal, mas uma forma de desassociar receitas de investimento para saúde e educação. Neste sentido, com a previsão de congelamento de investimentos nestas áreas por 20 anos, sob a defesa de uma tentativa de estabilização fiscal que se mostra ineficaz,

a PEC 55 torna impossível qualquer melhora na saúde e educação públicas no Brasil, pelo contrário, abre-se espaço para o sucateamento dessas áreas e para a eliminação de seu caráter universal (ROSSI e DWECK, op. cit., p. 4).



figura 23. [fotografia] *Ocupação de escola no Rio Grande do Sul*. Joana Berwanger (fotojornalista). Fonte: Sul21 (mídia eletrônica/ jornal). maio, 2016.

No dia 15 de dezembro de 2016 a PEC 55 foi promulgada no Congresso Nacional, passando a valer como lei. No dia 23 de dezembro de 2016 foi realizada a última desocupação de escola no estado de Pernambuco.²⁶ Lá, em Recife, estudantes ocuparam por 47 dias uma escola de ensino médio, contrários à PEC 55, e foram retirados pela justiça com um mandado de desocupação.

²⁶Fonte: G1 PE – Recife. (Mídia eletrônica/ site). Estudantes realizam desocupação de última escola estadual de PE. (notícia) dezembro, 2016. Disponível em <https://g1.globo.com/pernambuco/educacao/noticia/estudantes-realizam-desocupacao-de-ultima-escola-estadual-de-pe.ghtml> . Acesso em 24 de março de 2019.

No entanto, “em nenhum momento, você desocupar diminui a força que esse movimento ganhou” (PRONZATO, 2016, min 44:35) porque entendemos que o movimento de Ocupação de Escolas no Brasil inscreve uma marca singular, no sentido de que

o singular pressupõe uma multidão interativa, que define um novo sujeito a partir de: 1. Um novo tipo de conhecimento e processo de trabalho; 2. Uma nova temporalidade; 3. Uma nova espacialidade de inter-relações contínuas. (JUSTINO, 2015, p. 54)

Como afirma Peter Pál Pelbart (2016, p.16-17):

a horizontalidade e a ausência de centro ou comando nas ocupações e nas manifestações dramatizaram uma outra geografia da conflitualidade. É difícil nomear uma tal mudança, e sobretudo transformá-la em pauta concreta. (PELBART, op. cit., p. 16-17)

A singularidade deste movimento se expressa na fala dos próprios secundaristas, que após as ocupações dão seus depoimentos, a seguir:

Tobias, Instituto de Educação

Após a ocupação, parece que a gente está vivendo outro ambiente. Eu me sinto mais livre. Sinto que estou no meu espaço. Hoje se tem ciência de que não precisa pedir para ir no banheiro. Hoje o aluno tem mais liberdade. Nessas pequenas coisas que a gente vai percebendo que valeu a pena. (GOMES e FOGLIATTO, op. cit., p. 148)

Nathália, Protásio Alves

Eles se obrigaram a abrir o debate. Não poderiam fechar os olhos para o que estava ocorrendo no Estado. Isso possibilitou um debate muito mais rico em termos políticos do que a gente tinha antes. (GOMES e FOGLIATTO, op. cit., p. 149)

Maria, Paula Soares

A gente vai sair da escola daqui a pouco, mas a nossa luta não vai acabar. A gente está mostrando para a geração que vai vir que é muito importante ter uma voz e que, se algo está errado, é preciso tomar uma atitude para mudar, porque nada vai mudar só parado reclamando. (GOMES e FOGLIATTO, op. cit., p. 149).



figura 24. [fotografia]. *Lutando pela escola dos nossos sonhos*. Roberto Parizotti (fotógrafo).
Fonte: Centro de Referências em Educação Integral (mídia eletrônica/site). junho, 2016.

Com as ocupações estudantis, uma nova forma de resistência se revela, mostrando “na prática, como romper com o paradigma de verticalização da política tradicional” (QUEIROZ, CHAGAS, ROCHA, op. cit., p. 18), tornando-se uma referência, como afirma Pelbart (op. cit., p.11): “o que aconteceu torna-se uma espécie de farol, de incandescência, de marca indelével.”



figura 25. [fotografia]. *Assembléia estadual das escolas ocupadas em Curitiba*. Fonte: Vermelho (mídia eletrônica / site). outubro, 2017.

Milton Santos (2009) caracteriza o espaço como um híbrido, “um conjunto indissociável de *sistemas de objetos e sistemas de ações*” (SANTOS, 2009, p. 63), na medida em que

de um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes (SANTOS, op. cit., p. 63)

O autor considera que é assim que “o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma” (SANTOS, op. cit., p. 63).



figura 26. [fotografia]. *Ocupação do espaço escolar*. Fonte: Observatório do ensino médio (mídia eletrônica/ site). outubro, 2016.

Em seu trabalho intitulado “Utopias artísticas de revuelta”, a professora, historiadora e crítica de arte Julia Ramírez Blanco (2014, p. 14) questiona-se sobre o sentido utópico de alguns movimentos sociais na Europa, posteriores à queda do muro de Berlim, mais especificamente entre os anos 1992 e 2011. A historiadora indica este recorte temporal para marcar a relação com o avanço global do capitalismo, afirmando que “as mesmas políticas que minimizam o papel do Estado como fornecedor, ao mesmo tempo aumentam suas funções repressivas”. (BLANCO, op. cit., p. 21)²⁷. Deste contexto, a autora propõe-se a pensar sobre o termo criatividade ativista. Assim, ela apresenta alguns casos considerados como práticas utópicas, nos quais os participantes tentam cumprir seu ideal de viver em comum, resistindo às exigências do avanço global do capitalismo. Com estas considerações, como indica Blanco (op. cit., p. 19-22) busca conhecer como a criatividade ativista pode contribuir para a criação de uma nova espacialidade, diferente das formas existentes, situando o movimento social como um lugar.

²⁷Tradução minha.

Dos três estudos abordados por ela, gostaria de compartilhar aquele que diz respeito à produção de uma nova espacialidade na rua ocupada Claremont Road, no Reino Unido. Nesta localização, ativistas tentavam impedir a demolição de edifícios por parte do Departamento de Transporte, o qual tinha por objetivo construir uma rodovia naquela área, realizando obras que começaram em 1993. Ali, em março de 1994, de maneira coletiva, nasce um programa de intervenções, que tem seu início em torno de uma árvore centenária, onde vizinhos e ativistas se colocam em defesa da área George Green, incorporando alguns movimentos, como nos apresenta a historiadora Blanco (op. cit., p. 45). Na extensão da rota da futura estrada, que passa por cerca de trezentas casas e por suas ruas pavimentadas, os ativistas constroem casas nas árvores, que lembram “un universo infantil de juego, refugio y pequeña aventura” (BLANCO, op. cit. p. 57), além de ocuparem edifícios e calçadas. As construções de casas nas árvores tinham esse aspecto simbólico para as intervenções. Em uma ação direta, que durante todos os dias, ao longo de seis semanas, mais ou menos duas mil pessoas realizavam intervenções específicas naquele local, os ocupantes instalavam telefones, convocando todos aqueles que pudessem estar interessados para participar do ato, de acordo com Blanco (op. cit., p. 50). Nesta ocasião, cerca de duas mil pessoas vão ao local, e os que chegam recebem uma espécie de treinamento para lidar contra a repressão. Além do novo cenário que se apresenta com casas habitadas nas árvores, a autora destaca as novas qualidades da rua, que imprimem um novo sentido para o lugar:

Nas copas das árvores existem pequenas casas, [...] enquanto em seus galhos estão ligados vários elementos, como manequins, tecidos ou até mesmo televisões. Ao modificar a aparência da arquitetura pré-existente, nas paredes da Claremont Road, janelas e calçadas são cobertas com murais, grafites, papéis de parede e stencils [...]. Em um espaço onde não há limitação para a arte, ela transborda em todos os lugares. (BLANCO, op. cit., p. 58)

As paredes das casas são pintadas e as salas tem vários elementos que fazem o espaço parecer um ambiente ativista. O cenário urbano é reavivado para torná-lo parte de um novo universo simbólico, chamado por alguns participantes de Zona Autônoma Temporária. (BLANCO, op. cit., p. 55)

Embora, a estrada seja inaugurada em 1999, e os ativistas sejam retirados pela repressão policial, a autora entende que as intervenções cumprem uma função política,

afirmando que "as revoltas-táticas são espaços que podem funcionar como lugares de revolução política que ativam o compromisso social" (BLANCO, op. cit., p.283), como esclarece Justin, um dos ativistas presentes:

Nós trazemos todas essas pessoas para assistir. Trazemos policiais, guardas de segurança, xerifes e equipes de televisão para ver algo que eles nunca veriam de outra forma. E então eles têm que pensar sobre isso. (BLANCO, op. cit., p.79).

Neste sentido, o ativista afirma que a utopia é uma espécie de mapa, e que sem as intervenções, a Claremont Road estaria na “utopia selvagem e inexplorada” (Justin, citado por BLANCO, op. cit., p. 67), convergindo para o que a Blanco (op. cit. , p. 18) afirma de que a utopia cumpre o papel de um discurso político, provocando novas percepções.



figura 27. [fotografia] *Cadeira no trânsito*. André Zuccolo (fotógrafo). Fonte: VaiDaPé (mídia eletrônica / jornal). dezembro, 2015.

Como sabemos, a noção de utopia está intimamente relacionada à questão do espaço. Não apenas pela junção de duas palavras gregas, “*ouk* que significa não e se transformou em U, e *topos* “lugar”, acrescidas do sufixo *ia*, indicativo de lugar.” (SOUSA, 2011, p.3), que compõem a invenção de Thomas Morus (2011), a *Utopia* é um lugar que não existe na realidade. Ela insiste enquanto um ideal, no sentido de que a dificuldade de fixá-la no espaço é a possibilidade de seguir em frente, na obra e no presente, como podemos acompanhar na narrativa “Da comunicação de Rafael Hitlodeu” na obra de Morus (2011, p. 69), a seguir:

A ilha da Utopia tem duzentos mil passos em sua maior largura, situada na parte média. [...]

A entrada do golfo é perigosa por causa dos bancos de areia de um lado, e dos escolhos, do outro. No meio se levanta um rochedo visível de muito longe, e que por isto não oferece nenhum perigo. Os utopianos construíram uma fortaleza, defendida por uma boa guarnição. Outros rochedos ocultos pela água oferecem armadilhas inevitáveis aos navegantes. Unicamente os nativos conhecem as passagens navegáveis e por esse justo motivo ninguém pode entrar no estreito sem ser guiado por um piloto utopiano. Esta precaução seria ainda insuficiente, se os faróis dispostos pela costa não indicassem o rumo a seguir. A simples transposição desses faróis seria suficiente para destruir a frota mais numerosa, dando-lhe uma falsa direção. (MORUS, op. cit., p. 69)

Este lugar, apenas se materializa enquanto uma passagem, que mantém em suspense a localização exata da Utopia, revelando nesta configuração que este lugar é um constante movimento no espaço, e imprime assim a categoria de função da utopia de “provocar a imaginação a abrir outros caminhos possíveis ao pensamento para que não fiquemos paralisados na obscuridade do instante.” (SOUSA, 2007, p. 14).



figura 28. [fotografia]. *Estudantes protestam na avenida Brigadeiro Faria Lima, esquina com avenida Rebouças.* Kevin David (fotógrafo). Fonte: Último Segundo Brasil / Agência Brasil (mídia eletrônica / site). dezembro, 2015.

Com isto, entendemos que as ocupações de escolas no Brasil são como imagens utópicas que tensionam os modos usuais de relações, abrindo espaços que inscrevem movimentos e inventam novas formas, com a qualidade de que “a ocupação é um espaço no qual o sujeito questiona a si e aos outros a todo momento, um exercício constante de desconstrução” (CAMPOS, MEDEIROS e RIBEIRO, op. cit., p. 128), considerando que a construção realizada não é “uma esfera sonhadora e desconectada da realidade” (PELBART, op. cit., p. 6-7), mas sim, ela “é precisamente a capacidade de se conectar com as forças reais que estão presentes numa dada situação, as forças do entorno” (PELBART, op. cit., p. 6-7), tensionando a fronteira entre o intolerável e o desejável.

4 UMA (DIS)POSIÇÃO DAS CADEIRAS COM AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS NO BRASIL

Sobre o que passou, “um resto disso é sentido e se manifesta no próprio realizar, onde foram realizados os alvos adequados, ou onde imagens oníricas monumentais parecem ter se tornado realidade de carne e osso, de corpo e alma” (BLOCH, op. cit., p. 294). Um resto vivaz é o que temos sobre tudo o que se passou, e com ele “o que importa é liberar de modo crescente também o elemento do realizar, a um só tempo com o elemento da sociedade futura.” (BLOCH, op. cit., p. 295).

Walter Benjamin é o autor dos restos da história. Afirmar isto refere-se à aproximação com “seus escritos – seus comentários de uma realidade – com o que fora desprezado, esfarrapado, restolhado na e pela história.” (MATTOS, 2016, p. 17). Com ele, articulamos nossos modos de transmissão.



figura 29. [fotografia] Estudantes *secundaristas* ocupam avenida em protesto contra fechamento de escolas. Sebastião Moreira (fotógrafo). Fonte: Comitê de Luta Classista (mídia eletrônica / site). dezembro, 2015.

Nos revisitados ensaios “O Narrador” e “Experiência e Pobreza”, o filósofo Walter Benjamin (2012a, 2012b) destaca a relevância da tradição da experiência compartilhada, “no sentido concreto de transmissão e transmissibilidade” (GAGNEBIN, 2009, p. 50). Os dois trabalhos assinalam em comum o que Benjamin chamou de declínio da experiência (*Verfall der Erfahrung*), como nos esclarece Gagnebin (2009, p.50):

experiência no sentido forte e substancial do termo, que a filosofia clássica desenvolveu, que repousa sobre a possibilidade de uma *tradição* compartilhada por uma comunidade, tradição retomada e transformada, em cada geração. (GAGNEBIN, 2009, p.50).

No ensaio “O Narrador” (1928-1935), Benjamin (2012a) trata da noção da perda da experiência, indicando com ela a revelação de “um outro desaparecimento, o das formas tradicionais de narrativa, de narração, que têm sua fonte nessa comunidade e nessa transmissibilidade” (GAGNEBIN, 2009, p. 50). Nota-se no texto benjaminiano que as razões destas desaparecimentos são provenientes de uma ordem histórica, correspondentes às atrocidades marcadas pela Primeira Guerra Mundial, observáveis na conhecida afirmação de que os sobreviventes da guerra voltavam das trincheiras mudos, “porque aquilo que vivenciaram não podia mais ser assimilado por palavras”. (GAGNEBIN, 2009, p. 51). Como sabemos, em “Experiência e Pobreza” (1933), Benjamin (2012b) aponta para as transformações que a pobreza de experiência traz para as artes contemporâneas. “Contra uma estética da interioridade, da harmonia, da suavidade e da graça, Benjamin defende as provocações e a sobriedade áspera das vanguardas” (GAGNEBIN, 2009, p. 51), buscando no passado um encontro de possibilidade para o presente do amanhã.

Assim, ao mesmo tempo em que constata o fim da narração tradicional, este pensador esboça a proposição de uma outra narração, nas ruínas da narrativa, ou seja, o narrador “deve muito mais apanhar tudo aquilo que é deixado de lado[...], que a história oficial não sabe o que fazer” (GAGNEBIN, 2009, p. 54), porque “o passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção” (BENJAMIN, 2012a, p. 223).

No trabalho *Sobre o conceito da história* (1940), Benjamin (2012c) assinala a relevância de lermos a história a contrapelo, no sentido de que a importância em “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi” (BENJAMIN, 2012c, p. 224), mas sim “apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 2012c, p. 224), para enfrentarmos o perigo que é “entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento” (BENJAMIN, 2012c, p. 224),

porque é necessário “arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela.” (BENJAMIN, 2012c, p. 224). No ensaio em questão, evidencia-se que este modo de leitura é uma (contra)posição a um certo efeito do progresso. Nele, Benjamin (2012c, p. 226) indica o progresso como uma tempestade que nos impede de olhar para as ruínas do passado, e assim impossibilita uma parte da sociedade de avançar, instigando uma posição que possa se desvencilhar da tempestade.

Os secundaristas brasileiros nos apontam um caminho, a partir de uma construção crítica do pensamento, com a figuração de um saber ainda-não-consciente que se expressa pela posição sensível frente aos acontecimentos do progresso do mundo, revelando a possibilidade de suspensão do lugar comum. Se os protocolos do senso comum tentam avançar com as novas instituições mercadológicas, como parece ser o caso da tentativa de privatização do ensino público no Brasil, que aparentam incorporar modos totalizantes para o viver, os estudantes dão dois passos a mais: ocupam o velho lugar com nova posição, resistindo, criando um novo modo de existir o espaço escolar. Inauguram assim um método de (dis)posição, deslocando-se entre velho e novo, e assim, transmitem com a revolta uma possibilidade de transformação.



figura 30. [fotografia]. *Manifestação feita pelos estudantes secundaristas de São Paulo no final de 2015.* André Zuccolo (fotógrafo). Fonte: VaiDaPé (mídia eletrônica / revista). maio, 2016.

Em *Origem, Original, Tradução*, de Jeanne Marie Gagnebin (2006), reconhecemos a característica de transmissibilidade, a partir do termo origem vinculado à noção de objeto histórico. Neste texto, Gagnebin (2006), pensando o conceito de origem “como Benjamin sempre insistiu, uma apreensão do tempo histórico em termos de *intensidade* e não de cronologia” (GAGNEBIN, 2006, p. 8-9), ela enfatiza que:

a noção de origem deve servir de base a uma historiografia regida por uma outra temporalidade que não a de uma causalidade linear, exterior ao evento. (GAGNEBIN, 2006, p. 9)

Neste aspecto, o *Ursprung* indica o termo origem como salto (*Sprung*) para fora da continuação cronológica, interrompendo a linha do tempo, marcando “cortes no discurso ronronante e nivelador da historiografia tradicional.” (GAGNEBIN, 2006, p. 10), de modo que viajamos à origem, no presente, permitindo ao passado esquecido surgir de novo e sendo assim resgatado no atual, como um rastro a se configurar em novo objeto na esteira de seu tempo.

Consideramos uma figuração deste entendimento com o uso da cadeira escolar pelos estudantes. A cadeira foi um objeto bastante utilizado nos protestos de ocupações de escolas no Brasil, incorporando-se como um significante de luta secundarista, podemos pensar, na medida em que outras funções lhe foram designadas.

figura 31 (referência idem figura 3)



A cadeira surgiu no Brasil “no século XVI, junto com os portugueses.” (MOVETTO, 2019)

figura 32 (referência idem figura 4)



No dicionário, cadeira é “assento de costas para uma só pessoa, disciplina que se ensina numa aula, cargo do professor”. (PRÍBERAM, 2017)

figura 33. (referência idem figura 5)



As cadeiras mudam com a sociedade. É possível estudar história pela simples análise das cadeiras [...] Quem está sentado nela? Por quanto tempo? Em que ambiente? (GRCIC, 2011, p. 69)

figura 34. (referência idem figura 6)



“tocamos as cadeiras não apenas com as mãos, mas com todo o corpo. [...]sem dúvida, seus efeitos são profundos.” (CRANZ, 2000, p. 15)

figura 35 (referência idem figura 7)



“O uso da cadeira é um hábito que foi criado. Uma coisa é certa: nosso hábito de presidente foi criado, modificado e nutrido, reformado e democratizado em resposta às forças sociais - não genéticas, anatômicas ou mesmo fisiológica.” (CRANZ, 2000, p. 30)

figura 36. [fotografia] (referência idem figura 8)



Na casa, no escritório e nas escolas, os propósitos sociais anulam o conforto fisiológico quando se trata de projetar cadeiras. Mesmo em gravidade zero, onde não há para cima nem para baixo, nem piso nem teto, e o corpo nada no espaço, **os designers baseados na Terra decidiram colocar uma cadeira na primeira cápsula espacial de astronautas para fazer os ocupantes se sentirem em casa.** (CRANZ, 2000, p. 15)

figura 37. (idem figura 9)



“Quando projetamos uma cadeira, projetamos uma sociedade e uma cidade [...]. Uma cidade miesina [estilo que utiliza partes da estrutura física de uma construção em detalhes arquitetônicos] está implícita uma cadeira do mesmo estilo.” (SMITHSON, 2011, p. 6).

figura 38. [fotografia] (referência idem figura 10)



“Uma cadeira pode assumir formas bastante sugestivas. E, por ser um móvel que remete às formas humanas (tem pernas e braços, às vezes até cotovelos, joelhos e pés, o encosto), ela é bem convidativa. **Mesmo quando não está ocupada, ostenta certa presença.**” (WILHIDE, 2011, p. 6).

figura 39. (referência idem figura 11)



“Somente no século XVI, com os avanços do Renascimento, a cadeira passou a ser usada em maior escala e em contextos mais rotineiros.”. (WILHIDE, 2011, p. 22)

figura 40. (referência idem figura 12)



A cadeira em sua forma mais básica teve sua origem há milhares de anos. Embora tenham restado poucos exemplares, esculturas e pinturas rupestres revelam que elas já eram usadas em sociedades antigas do Egito, da Grécia e de Roma [...] e **eram consideradas símbolo de autoridade.** (WILHIDE, 2011, p. 22)

figura 41. (referência idem figura 13)



As cadeiras são naturalmente definidas por sua função primária: oferecer um lugar para sentar. Mas elas **podem desempenhar várias outras funções**: as empilháveis e dobráveis, por exemplo, atendem às necessidades de economia de espaço e facilidade de transporte. (WILHIDE, 2011, p. 14)

figura 42. (referência idem figura 14)



“acompanhando mudanças no comportamento e no estilo de vida das pessoas, **as cadeiras pesadas, difíceis de deslocar, não têm mais sentido num mundo mutável, em que se quer tudo mais versátil.**” (Borges, n/a, p. 47)

figura 43. (referência idem figura 15)



“Desde então, a forma da cadeira reflete as evoluções da tecnologia e dos materiais usados em sua fabricação, além das mudanças de estilo e na cultura das sociedades.”
(WILHIDE, 2011, p.22)

figura 44. (referência idem figura 16)



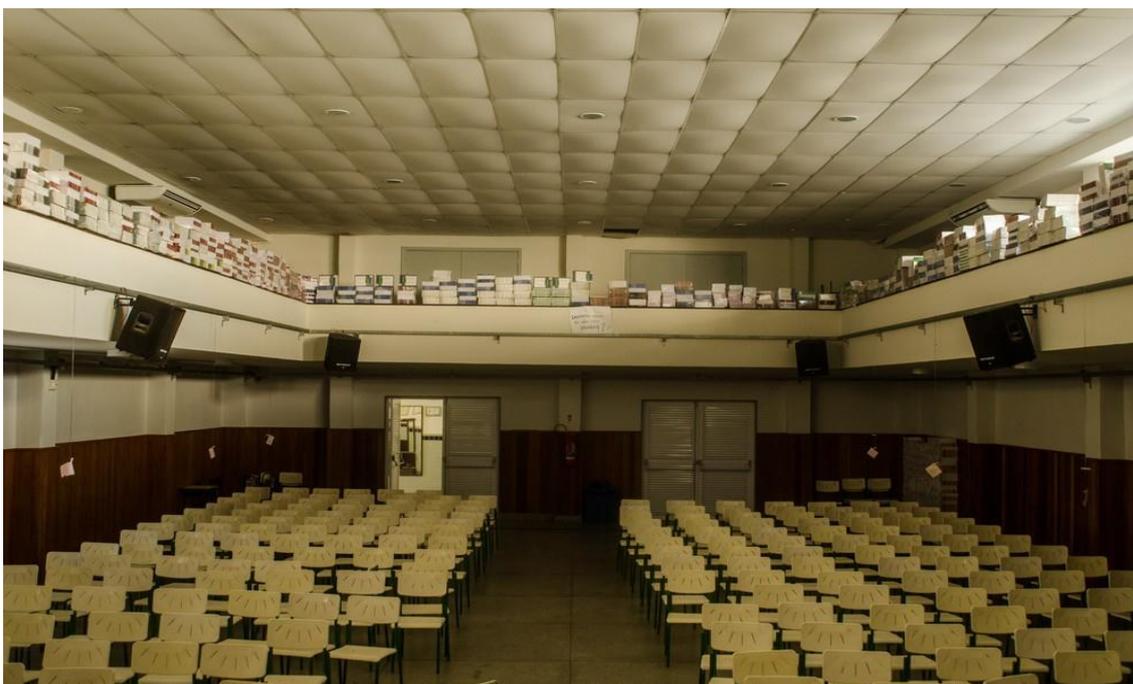
“O tipo de acomodação que uma cadeira oferece é normalmente ditado pelo uso.”
(WILHIDE, 2011, p. 13).

figura 45. (referência idem figura 17)



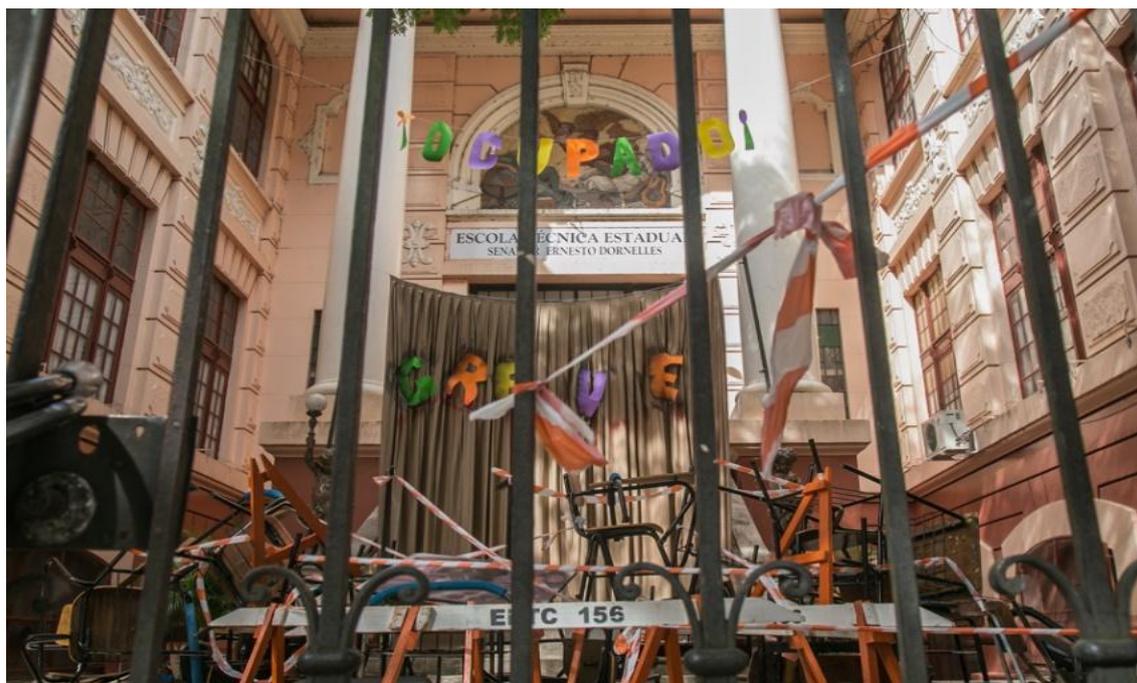
“Falar de **cadeira** é **sinônimo**, segundo o Aurélio, de falar com **autoridade**.” (BORGES, n/a, p. 8)

figura 46. (referência idem figura 18)



“No Brasil, a compra do mobiliário escolar inicialmente acontecia através das chamadas Exposições Universais, atendendo a expectativa do progresso.” (ALCÂNTARA, 2014, p. 83)

figura 47. (referência idem figura 19)



Desde meados do final do **séc. XVIII**, a configuração do **mobiliário das escolas** vai sendo influenciada pelas novas tecnologias, **passando a expressar** o que existia de mais moderno [...]estilo apoiado na **ciência e na racionalidade**, as quais eram indicadas como as bases dessa nova sociedade. (SOUSA GR, 2016, p. 6)

figura 48. (referência idem figura 20)



Nos séculos XIX e XX,

De um lado, a escola movimenta o mercado e suas necessidades fazem com que ele se adapte para atender a demanda. Novos serviços se organizam e lucram tendo o Estado como comprador privilegiado. De outro lado, o mercado cria objetos de desejos para a escola. O Estado dele depende para produção, em grande quantidade e em curto tempo, de um **mobiliário padronizado que corrobore para a expansão do ensino.** (ALCÂNTARA, 2014, p. 136)

figura 49. (referência idem figura 21)



de um modo geral, o mobiliário é “uma **tecnologia que apresenta o resultado de políticas, concepções e relações que são construídas em seu entorno, carregando, portanto, sentidos diversos consigo** e sendo capazes de alterar ou influenciar rotinas e práticas de professores e alunos.” (SOUSA GR, 2016, p. 2)

figura 50. (referência idem figura 22)



“Um **móvel produzido para um fim específico** é uma maneira de alcançar certa unidade e controle no projeto, assim como de afirmar seu ponto de vista.” (WILHIDE, 2011, p. 16)

figura 51. (referência idem figura 23)



“A cadeira é uma máquina de sentar.” (LE CORBUSIER, 2011, p. 6)

figura 52. (referência idem figura 24)



A presença de espírito e o choque pelo inesperado também fazem parte do processo de criação de uma cadeira. (WILHIDE, 2011, p. 18)

figura 53. (referência idem figura 25)



“Cadeira também está ligada à reflexão – do Pensador de Rodin à criança que estreia nos bancos escolares, é muitas vezes necessário sentar para pensar.” (BORGES, n/a, p. 8)

figura 54. (referência idem figura 26)



“Para uma variedade de funções, há uma **variedade** que poderia se chamar de **infinita de modelos de assentos.**” (BORGES, n/a, p. 9)

figura 55. (referência idem figura 27)



“Tantas cadeiras de plástico excelentes já haviam sido criadas[...] **para que mais uma?**”
(BORGES, n/a, p. 72)

figura 56. (referência idem figura 28)



“De privilégio de poucos a produto feito em série nos modernos processos industriais, a cadeira guarda a lembrança da sociedade que a criou.” (BORGES, n/a, p.6)

figura 57. (referência idem figura 29)



“As cadeiras exercem ainda outros papéis, incluindo manifestos políticos ou artísticos.” (BORGES, n/a, p. 18)

figura 58. (referência idem figura 30)



“a cadeira deve nos manter acordados.” (BORGES, n/a, p. 36)

5 O QUE RESTA DAS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS NO BRASIL?

“Felizmente, a história das imagens e das nossas maneiras de, por meio delas, ver e perceber o mundo não é linear nem em sentido único.” (GILI, 2017, p. 10). O que resta das ocupações de escolas no Brasil são imagens que se juntam, aqui, nesta narrativa, para uma transmissão. Estas imagens são restos que transmitem outros restos.

Nas *Passagens*, Benjamin (2006) ao indicar a existência de uma força revolucionária presente na tentativa de reconstruir o passado, voltando-se para o futuro, o filósofo coloca em causa a dimensão do despertar, indicando um sentido ético-político de transmissão, relacionando a experiência da juventude com a experiência do sonho, como podemos observar neste fragmento na Passagem K:

O despertar como um processo gradual que se impõe na vida tanto do indivíduo quanto das gerações. O sono é seu estágio primário. A experiência da juventude de uma geração tem muito em comum com a experiência do sonho. Sua configuração histórica é configuração onírica. (BENJAMIN, 2006, p.433.)

Como sabemos, Benjamin considera como “urfenômenos” da modernidade os restos anacrônicos das passagens de Paris, como afirma Buck-Morss (2002, p. 25), lendo-as como paisagens, “onde imagens de sonhos se revelam”. (MATTOS, 2016, p. 19-20). Para o pensamento crítico, elas funcionam como chaves de leitura da sociedade, constituindo-se como “réplicas materiais precisas de uma chamada consciência interna”. (MATTOS, op. cit., p. 23-24).

Aproximando as imagens dos secundaristas com uma figuração de passagem, na leitura benjaminiana, podemos perceber que além de revelar restos anacrônicos de um determinado período, estas imagens mostram gestos de um levante.

Os estudantes das ocupações secundaristas no Brasil leem imagens da atualidade, na dimensão de um ato, e assim, nos lançam novas imagens.

Nesta relação, pensamos a transmissão no sentido de ato criador que Duchamp (1965) inscreve, dizendo que aquilo que faz marca na obra de arte é uma certa equação entre a dimensão consciente da intencionalidade do artista com uma proporcional irracionalidade inconsciente que lhe escapa. Restam criações.



figura 59. [fotografia]. *Contra PEC 55*. Reprodução vídeo. Fonte: Tribuna do Ceará Uol (mídia eletrônica/site). dezembro, 2016.

Ao incorporarem o objeto escolar em suas manifestações de rua, em dezembro de 2016, como mostra a ‘figura 59’, os estudantes da Universidade do Ceará, por exemplo, inscrevem uma marca de reconhecimento ao ato secundarista, figurando assim uma experiência compartilhada. Conferem aos objetos escolares uma nova configuração discursiva, onde, em nosso entendimento, a cadeira figura como significante, que marca por um ato criativo, ao mesmo tempo, o lugar dos secundaristas e a luta pela escola por vir. Resta uma presença.

Na relação semelhante do artista com o público, que estabelece o contato entre a obra de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador, (DUCHAMP, 1965), entendemos assim uma criação secundarista. Ou seja, experiência dos secundaristas como ato criativo o qual abre “uma descontinuidade em nossa imagem do amanhã” (SOUSA EL, 2007, p. 41). Resta um movimento.



figura 60. [fotografia]. *Ceará contra PEC 55*. Reprodução vídeo. Fonte: Tribuna do Ceará Uol (mídia eletrônica/site). dezembro, 2016.

Na exposição *Levantes*, o filósofo e historiador de arte Didi-Huberman propõe a reflexão sobre a relação emoção – política – movimentos de luta, como esclarece a curadoria SESC (n/a, p. 47)

o tema das emoções coletivas, dos acontecimentos políticos que pressupõem movimentos de luta das multidões e que envolvem, igualmente, desordens sociais, agitações políticas, insubmissões, insurreições, revoltas, revoluções, tumultos, rebeliões, comoções de todos os gêneros. (SESC, n/a, p. 47)

A trajetória desta exposição segue um percurso feito a partir de cinco partes: 1. os elementos (**desencadeados**) que indicam um “levantar de uma tempestade” (SESC, 2017, p. 48), “revirar a gravidade que nos prende no chão” (SESC, 2017, p. 48), - apontando para as sutilezas das “superfícies - lençóis, panos, bandeiras que esvoaçam, luzes que explodem, mundo de ponta-cabeça” (SESC, 2017, 48), elementos em movimento; 2. “o **gesto** é uma emoção” (SESC, 2017, p. 49) “no gesto do levante, cada corpo protesta por meio de todos os seus membros, cada boca se abre e exclama o não da recusa e o sim do desejo” (SESC, 2017, p. 49); 3. as **palavras** (exclamadas) são “frases para o cantar, o

pensar, o discutir, o imprimir, o transmitir” (SESC, 2017, p. 49); 4. os **conflitos** (abrasados) são as coisas com as quais se constrói a arquitetura dos levantes, eles são as ruínas (SESC, 2017, p. 50); 5. **desejos** (indestrutíveis) é força que sobrevive ao poder.

Aproximando as imagens dos secundaristas com um percurso de Levantes, na sequência, encontramos elementos que figuram imagens utópicas, como “uma ilha de discurso” (SOUSA, 2017), “na esteira de uma resistência à realidade” (DADOUN, 2000), que convoca o “desejo a tomar posição” (SOUSA, 2017). Resta uma transmissão.



figura 61. [fotografia] *Polícia lança bombas de gás contra estudantes que protestam na avenida Faria Lima, em São Paulo* Jorge Araújo (repórter). Fonte: Folha de São Paulo (mídia eletrônica/jornal). dezembro, 2015.



figura 62. [fotografia]. *Escudo de cadeira*. Rovena Rosa (fotógrafa) Fonte: Revista Fórum (mídia eletrônica / revista). dezembro, 2015.



figura 63. [fotografia] *Polícia usa bomba para dispersar estudantes que protestavam na avenida Tiradentes, na região central de SP* Diego Padgurschi (fotojornalismo). Fonte: Folha de São Paulo (mídia eletrônica. jornal). dezembro, 2015.



figura 64. [fotografia]. *Estudantes realizam protesto contra a reorganização Marivaldo Oliveira* (fotógrafo). Fonte: G1 São Paulo (mídia eletrônica/ jornal). dezembro, 2015.



figura 65. [fotografia] *Protestos contra reforma nas escolas paulistas*. Joel Silva (fotógrafo).
Fonte: Folha de São Paulo (mídia eletrônica/jornal) dezembro, 2015.



figura 66. [fotografia]. *Cadeira em movimento* Fonte: Hypeness (mídia eletrônica/site). maio, 2016.



figura 67. [fotografia]. *Resistir no espaço urbano* Fonte: Blog da Boitempo (mídia eletrônica/blog). novembro, 2016.



figura 68. [fotografia]. *#ocupatudo, a luta dos estudantes secundaristas no Rio de Janeiro (a)*
Fonte: FotoGuerrilha (mídia eletrônica/site). dezembro, 2016.



figura 69. [fotografia] *Secundaristas no Rio de Janeiro (b)* Reprodução FotoGuerrilha. Fonte:
FotoGuerrilha (mídia eletrônica/site). dezembro, 2016.



figura 70. [fotografia]. *Estudantes de ocupação (c)* Fonte: FotoGuerrilha (mídia eletrônica/site). dezembro, 2016.

6 NOTAS CONCLUSIVAS

O movimento de ocupação de escolas no Brasil revela-se uma potente imagem utópica, na medida em que os secundaristas reconfiguram os modos de experienciar a vida, o espaço. Penso na reconfiguração do espaço na dimensão que nos mostra o espaço físico de uma escola transformado, por exemplo, e outro que nos dá a ver uma transformação de sentidos como efeito de experiência, o espaço subjetivo, podemos pensar.

À luz de nossa pergunta inicial “como transmitir uma experiência de ocupação de escolas no Brasil?” as noções trabalhadas nos ensaios desta dissertação trazem o entendimento de que uma transmissão é possível a partir de um novo ato, a reconfigurar um objeto na esteira de seu tempo, desde a relação com uma outra presença, um Outro, por assim dizer, no sentido lacaniano²⁸. O ato figurado em uma escrita, uma narrativa, ou uma manifestação de rua são exemplos que estudamos até aqui.

Na defesa, então, a partir de imagens lançadas no texto como restos de uma experiência para convocar o leitor a um movimento, presença e assim reinscrever um novo sentido, lendo outros restos, outras imagens. Os secundaristas, com as cadeiras, inscrevendo o significante em transmissão, articulando o que se inicia como presença-movimento-criação a incorporar uma nova série: cadeira – significante - transmissão.

1993. *Sala simples. Não chegava a ser uma biblioteca. Muitos livros espalhados por várias prateleiras metálicas, como as que ficavam na garagem da casa de minha avó. A professora, de rosto e de nome que insisto em rever na memória orientava que meus colegas e eu, entre 6 e 7 anos de idade, sentássemos em círculo, no chão com tapete, e que manuseássemos uma cópia do mesmo livro que ela segurava em suas mãos. Não faço a menor ideia de qual era o livro. Enquanto que, pelos muitos furinhos velhos de forro público, a chuva molhava nossa sala de aula principal, variando a rota para a improvisada sala dos livros, nós todos, um a um tomávamos conta do livro, num instante que o fazia nosso também. Importava o que saía do livro. Minha vez. As ilustrações saltavam do livro para os meus olhos ou dos meus olhos para o livro. Já nem sabia mais*

²⁸ Sobre isto, ver Seminário 11, de Jacques Lacan, especificamente cap. XVI (p.191-217).

qual era a lógica daquela leitura. Vai-e-vem de olhos-imagem, olhos-imagem. Olhos-imagem, olhos-imagem, olhos-imagem. Voz. A professora começa a contar a estória. Era a leitura do livro nas mãos dela, em minhas mãos, da voz dela, na cabeça minha. A imagem era pura fruição. Imaginação. Enquanto a voz arrepiava o livro, uma sobreposição de imagens saltava dentro da minha cabeça. Daí em diante tudo é imaginação!

2019. Seria esta leitura um modo escrever e fazer lembrar de seu nome, Professora?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Wiara Rosa Rios. **Por uma história econômica da escola: a carteira escolar como vetor de relações** (São Paulo, 1874 -1914). 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.48.2014.tde-01102014-103754. Acesso em 03 de fevereiro de 2019.

ALESSI, Gil. **Secundaristas no Paraná ocupam 300 escolas e põem governador sob pressão**. (Notícia). outubro, 2016. El País Brasil (Mídia eletrônica / jornal). Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/13/politica/1476391382_358234.html. Acesso em 03 de fevereiro de 2019.

ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Projeto de Lei 44/2016**. Disponível em <http://www.al.rs.gov.br/legislativo/ExibeProposicao/tabid/325/SiglaTipo/PL/NroProposicao/44/AnoProposicao/2016/Origem/Px/Default.aspx> . Acesso em 30 de março de 2019.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

_____. (1928-1935) **O Narrador. Reflexões sobre a obra de Nikolai Lesskov**. In:___ *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012a.

_____. (1933) **Experiência e Pobreza**. In:___ *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012b.

_____. (1940) **Sobre o conceito da história**. In:___ *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012c.

BLANCO, Julia Ramírez. **Utopías artísticas de revuelta**. Madrid: Cuaderno Arte Cátedra, 2014.

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

BORGES, Adélia. **Cadeiras Brasileiras**. Museu da Casa Brasileira. São Paulo: Bal'Cos Gráfica e Editora, n/a.

BRUM, Eliane. **Tupi or not be. Em nome de Deus e do New York Times, a disputa do impeachment e dos Brasis**. El País Brasil. (Mídia eletrônica/jornal). Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/25/opinion/1461595521_717873.html. Acesso em 05 de janeiro de 2019.

BUCK-MORSS, Susan. **Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das Passagens**. Trad. Ana Luiza de Andrade. Belo Horizonte: Editora UFRMG; Chapecó/SC: Editora Universitária Argos, 2002.

CAMPOS, Antonia J. M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Marcio M. **Escolas de Luta**. Coleção Baderna. São Paulo: Veneta, 2016.

CARDOSO, Nilce Azevedo. **Relato de sobrevivência: Nilce Azevedo Cardoso**. Disponível em <https://resistenciaemarquivo.wordpress.com/2014/08/15/relato-de-sobrevivencia-nilce-azevedo-cardoso/>. Acesso em 05 de março de 2019.

CONGRESSO Nacional. **Medida Provisória 746/2016 (Reformulação Ensino Médio)**. Disponível em <https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/126992>. Acesso em 16 de março de 2019.

CORTÁZAR, Júlio. A auto-estrada do sul. **Todos os fogos o fogo**. Tradução de Glória Rodrigues. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

CRANZ, Galen. **The Chair: rethinking culture, body and design**. New York, London: W.W. Norton & Co., 2000.

DADOUN, Roger. Dadoun. **Utopia A emocionante racionalidade do inconsciente**. Roberto Barbanti (org.), Paris: L'Harmattan, 2000.

DUCHAMP, Marcel. (1965) **O Ato Criador**. In: BATTOCK, G. (org.). A nova arte. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ESQUERDA Diário. **Retrospectiva 2016: As ocupações estudantis que sacudiram o Brasil**. (notícia/ mídia eletrônica). 2016. Disponível em <http://www.esquerdadiario.com.br/Retrospectiva-2016-As-ocupacoes-estudantis-que-sacudiram-o-Brasil>. Acesso em 09 de março de 2019.

ESTUDANTES realizam desocupação de última escola estadual de PE. (notícia) Fonte: G1 PE – Recife. (Mídia eletrônica/ site dezembro, 2016. Disponível em <https://g1.globo.com/pernambuco/educacao/noticia/estudantes-realizam-desocupacao-de-ultima-escola-estadual-de-pe.ghtml>. Acesso em 24 de março de 2019.

FRANKEL, Roy David. **Sessão**. São Paulo: Luna Parque, 2017.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Origem, Original, Tradução**. In: ____ História e Narração em Walter Benjamin. São Paulo: Perspectivas, 2006.

_____. **Memória, história, testemunho**. In: __ Lembrar Escrever Esquecer. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

GILI, Marta. **Basta! Enough!** In: Sesc. Levantes. São Paulo: Sesc, 2017.

GOMES, Luís Eduardo; FOGLIATTO, Débora. **O que os alunos têm a dizer?** In: _CATTANI, Antonio David (Org.). Escolas Ocupadas. Porto Alegre: CirKula, 2017.

GRCIC. In: WILHIDE, Elizabeth. **Como criar uma cadeira/** Design Museum. VELOSO, Daniel (trad.). Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2011.

JUSTINO, LB. **Julio Cortázar: os memes da multidão na auto-estrada do sul.** In: Literatura de multidão e intermedialidade: ensaios sobre ler e escrever o presente [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2015, pp. 51-60. Literatura & Interculturalidade series. ISBN 978-85-7879-240-4. Available from SciELO Books. Acesso em 05 de janeiro de 2019.

LE Courbusier. In: WILHIDE, Elizabeth. **Como criar uma cadeira/** Design Museum. VELOSO, Daniel (trad.). Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2011.

LEVANTES. (exposição). In: Sesc. Levantes. São Paulo: Sesc, 2017.

LOPES, Silvina Rodrigues. (1998) **Do ensaio como pensamento experimental.** In: __Lopes, Silvina Rodrigues. Literatura, defesa do atrito. Chão de Feira, 2012.

MATTOS, Manuela Sampaio de. **Ética da memória em Walter Benjamin.** Um ensaio. Porto Alegre: Editora Bestiário, 2016.

MORUS, Thomas. **A Utopia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

MOVETTO. (blog/mídia eletrônica). Disponível em <https://movetto.com.br/quer-saber-qual-a-historia-da-cadeira-espera-ai-sentado/>. Acesso em 02 de fevereiro de 2019.

ORTELLADO, Pablo. **A primeira flor de junho.** In: CAMPOS, Antonia J. M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Marcio M. (orgs.) Escolas de Luta. Coleção Baderna. São Paulo: Veneta, 2016.

PELBART, Peter Pál. **Carta Aberta aos Secundaristas.** São Paulo: n-1 edições, 2016.

PRÍBERAM (dicionário eletrônico). 2017. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/cadeira> . Acesso em 20 de novembro de 2017.

QUEIROZ, Diego Felipe de Souza; CHAGAS, Paulo Bortolon; ROCHA, Rita de Cássia Machado. **As Ocupações Estudantis e a Reinvenção do Espaço Escolar Facilitadas pelas Tecnologias Interativas.** Education Policy Analysis Archives/Archivos Analíticos de Políticas Educativas [en linea] 2017, [Fecha de consulta: 19 de enero de 2019] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=275050047082>> ISSN 1068-2341. Acesso em 19 de janeiro de 2019.

REDE Brasil Atual. **Secretaria de Educação de Goiás solicita corte de água em escolas ocupadas.** (notícia). 2015. Disponível em <https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2015/12/secretaria-de-educacao-de-goias-solicita-corte-de-agua-em-escolas-ocupadas-8596.html>. Acesso em 24 de março de 2019.

RIVERA, Tania. **Desejo de ensaio.** In: RIVERA, T.; CELES, L.A.M.; Sousa, E.L.A. (Org.). Psicanálise. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2017.

ROCHA, Francisco; DIETRICH, Gabriel. **Uma madrugada na primeira escola ocupada no Paraná contra a reforma do ensino médio.** (Reportagem), 2016. Vice (Mídia eletrônica/site). Disponível em https://www.vice.com/pt_br/article/pge4qb/escola-ocupada-parana-contr-reforma-ensino-medio. Acesso em 03 de fevereiro de 2019.

ROSSI, Pedro, & DWECK, Esther. (2016). **Impactos do novo regime fiscal na saúde e educação.** *Cadernos de Saúde Pública*, 32(12), e00194316. Epub 15 de dezembro de 2016. <https://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00194316> . Acesso em 25 de março de 2019.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SEFFNER, Fernando. **Ocupar é viver a escola.** In: _CATTANI, Antonio David (Org.). *Escolas Ocupadas.* Porto Alegre: CirKula, 2017.

SESC Pinheiros. **Levantes.** São Paulo: SESC Pinheiros, 2017.

SMITHSON. WILHIDE, Elizabeth. **Como criar uma cadeira/** Design Museum. VELOSO, Daniel (trad.). Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2011.

SOUSA, Edson Luiz André de. **Uma invenção da utopia.** São Paulo: Lumme Editor®, 2007.

_____. **Por Uma Cultura da Utopia.** *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia.* Porto. Vol. 12 (2011). Disponível em <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id164id2405&sum=sim> . Acesso em 24 de setembro de 2018.

_____. **Ficções rebeldes – trilhos, ilhas, agulhas.** Disponível em <http://psicanalisedemocracia.com.br/2017/10/ficcoes-rebeldes-trilhos-ilhasagulhas%c2%b9-edson-luiz-andre-de-sousa/>. Acesso em 11 de novembro de 2017.

SOUSA, Gustavo Rugoni de. **Cultura material escolar: o mobiliário em discussão.** *Criar Educação*, Criciúma, SC, v. 1, n.1, p. 1-9, mai. 2016. ISSN 2317-2452. DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/ce.v0i0.2924>. Disponível em <http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/2924/2709>. Acesso em 28 de dezembro de 2018.

STAROBINSKI, Jean. **É possível definir o Ensaio? Remate de Males,** Campinas, SP, v. 31, n. 1-2, p. 13-24, ago. 2012. ISSN 2316-5758. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636219>>. doi:<https://doi.org/10.20396/remate.v31i1-2.8636219>. Acesso em 20 de janeiro de 2019.

Tribuna Ceará. Mídia eletrônica/jornal. **Estudantes da UFC bloqueiam avenida com cadeiras em protesto contra a PEC 55.** Brasil, 2016. Disponível em <http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/educacao/estudantes-da-ufc-bloqueiam-avenida-com-cadeiras-em-protesto-contr-a-pec-55/> . Acesso em 18 de janeiro de 2019.

UNIÃO Brasileira dos Estudantes Secundaristas. **Festival de música movimenta escola ocupada no Rio de Janeiro.** (notícia) abr. 2016. Disponível em <http://ubes.org.br/2016/festival-de-musica-movimenta-escola-ocupada-no-rio-de-janeiro/> . Acesso em 24 de março de 2019.

WILHIDE, Elizabeth. **Como criar uma cadeira/** Design Museum. VELOSO, Daniel (trad.). Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2011.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

ACABOU a paz isso aqui vai virar o Chile. Direção: Carlos Pronzato. Brasil, 2015. (60 min.). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw&t=132s>. Acesso em 17 de março de 2019.

DISCURSO da estudante Ana Júlia, líder do movimento estudantil que ocupa as escolas do Paraná / PR. Min. 2:14 a 5:47. outubro, 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yM2sDQWIQs4> . Acesso em 24 de março de 2019.

ESTUDANTES ocupam escolas no RJ por melhores condições. (vídeo-reportagem). Jornal Futura. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rusr3lGaT6M> . Acesso em 21 de março de 2019.

LUTE como uma menina. Direção: Beatriz Alonso; Flávio Colombini. Brasil, 2016. (76 min.) Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA&t=257s> . Acesso em 12 de dezembro de 2018.

OCUPA TUDO ESCOLAS DO PARANÁ. Direção: Carlos Pronzato. Brasil, 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JLz7szvKOFw> . Acesso em 21 de março de 2019.

OCUPAÇÃO das escolas em Goiás. 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fNfPdZACaJo> . Acesso em 21 de março de 2019.

OCUPAR e resistir. KOKA; RAMOS, Fabrício. Música/Letra de música. Mídia eletrônica/vídeo. Brasil, 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PqiHEh1ly6U> . Acesso em 15 de dezembro de 2018.

REFERÊNCIAS DE IMAGENS

A EDUCAÇÃO pede socorro. [fotografia] Fonte: O Mal Educado (mídia eletrônica. [facebook/@mal.educado.sp](https://www.facebook.com/mal.educado.sp)). maio, 2016. Disponível em <https://www.facebook.com/mal.educado.sp/photos/a.301502323316853/803555389778208/?type=3&theater> . Acesso em 18 de setembro de 2018.

ALUNOS de escola em São Paulo com lista de mantimentos pedem ajuda. [fotografia]. Reprodução na internet. Fonte: Centro de Referências em Educação Integral (mídia eletrônica/site). junho, 2016. Disponível em <https://educacaointegral.org.br/reportagens/escolas-ocupadas-mostram-que-outra-educacao-e-possivel-e-necessaria/> . Acesso em 18 de março de 2019.

ARAÚJO, Jorge. **Polícia lança bombas de gás contra estudantes que protestam na avenida Faria Lima, em São Paulo** [fotografia]. Fonte: Folha de São Paulo (mídia eletrônica/ jornal). dezembro, 2015. Disponível em <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/40422-estudantes-protestam-contra-reorganizacao-das-escolas#foto-571293> . Acesso em 27 de março de 2019.

ARTE na sala de aula. [fotografia]. Fonte: Cairu Resiste (Blog). abril, 2016. Disponível em www.facebook.com/OcupaCairu/photos/a.628865273927433/634654600015167/?type=3&theater Acesso em 24 de março de 2019.

ASSEMBLÉIA estadual das escolas ocupadas em Curitiba. [fotografia]. Fonte: Vermelho (mídia eletrônica / site). outubro, 2017. Disponível em <http://www.vermelho.org.br/noticia/302701-1> . Acesso em 30 de março de 2019.

BENASSATTO, Leonardo. **Estudantes fazem catraço no Metrô Butantã** [fotografia]. fonte: G1 São Paulo (mídia eletrônica). dezembro, 2015. Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/12/audiencia-publica-para-discutir-escolas-ocupadas-em-sp-sera-no-dia-9.html> . Acesso em 12 de setembro de 2018.

BERGAMO, Monica. **Estudantes protestam em São Paulo contra o fechamento de escolas.** [Fotografia]. novembro, 2015. Fonte: El País Brasil (jornal/mídia eletrônica). novembro, 2015. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/30/politica/1448892896_085958.html . Acesso em 12 de setembro de 2018.

BERWANGER, Joana. **Ocupação de escola no Rio Grande do Sul.** [fotografia]. Fonte: Sul21 (mídia eletrônica/ jornal). maio, 2016. Disponível em <https://www.sul21.com.br/areazero/2016/05/com-goteiras-pocas-dagua-e-buracos-paula-soares-e-uma-das-20-escolas-ocupadas-no-rs/> . Acesso em 04 de janeiro de 2019.

_____. **Escola ocupada em Porto Alegre.** [fotografia]. Fonte: Sul21 (mídia eletrônica / jornal). maio, 2016. Disponível em <https://www.sul21.com.br/em-destaque/2016/05/o-que-esta-acontecendo-aqui-e-mais-importante-que-ferias-e-curticao-vai-ficar-para-a-historia/> . Acesso em 23 de julho de 2018.

CADEIRA em movimento [fotografia]. Reprodução. Fonte: Hypeness (mídia eletrônica/site). maio, 2016. Disponível em <https://www.hypeness.com.br/2016/05/ocupar-e-resistir-documentario-retrata-as-ocupacoes-nas-escolas-de-sao-paulo-goias-e-rio-de-janeiro/> . Acesso em 11 de novembro de 2018.

CADEIRAS isso aqui vai virar o Chile. [Fotografia]. Fonte: O Mal-Educado (Blog). outubro, 2016. Disponível em <https://www.facebook.com/mal.educado.sp/photos/a.503085239825226/877330992400647/?type=3&theater> . Acesso em 31 de março de 2019.

CASTOR, Caio. **Estudantes usam cadeiras escolares como escudos nas manifestações de rua.** [fotografia]. fonte: Trip (mídia eletrônica/ revista). Virou cinema (reportagem). abril, 2016. Disponível em <https://revistatrip.uol.com.br/trip/cineasta-carlos-pronzato-lanca-filme-sobre-a-ocupacao-dos-estudantes-de-sao-paulo> . Acesso em 20 de setembro de 2018.

CEARÁ contra PEC 55. [fotografia]. Reprodução vídeo. Fonte: Tribuna do Ceará Uol (mídia eletrônica/site). dezembro, 2016. Disponível em <http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/educacao/estudantes-da-ufc-bloqueiam-avenida-com-cadeiras-em-protesto-contr-a-pec-55/attachment/postar9/>. Acesso em 13 de novembro de 2018.

CONTRA PEC 55. [fotografia]. Reprodução vídeo. Fonte: Tribuna do Ceará Uol (mídia eletrônica/site). dezembro, 2016. Disponível em <http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/educacao/estudantes-da-ufc-bloqueiam-avenida-com-cadeiras-em-protesto-contr-a-pec-55/attachment/postar9/>. Acesso em 13 de novembro de 2018.

DAVID, Kevin. **Estudantes protestam na avenida Brigadeiro Faria Lima, esquina com avenida Rebouças** [fotografia]. Fonte: Último Segundo Brasil / Agência Brasil (mídia eletrônica / site). dezembro, 2015. Fonte: Disponível em <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2015-12-03/contra-reorganizacao-de-escolas-estudantes-protestam-novamente-em-sao-paulo.html> . Acesso em 27 de fevereiro de 2019.

DE ESTUDANTE para estudante. [fotografia]. Fonte: Banda B (mídia eletrônica/ jornal). novembro, 2016. Disponível em <https://www.bandab.com.br/geral/justica-determina-reintegracao-do-colegio-estadual-e-de-outras-43-escolas-de-curitiba/> . Acesso em 02 de dezembro de 2018.

DIETRICH, Gabriel. **Barricada feita de cadeiras e lona.** [fotografia]. outubro, 2016. Fonte: Vice (mídia eletrônica/site). Disponível em https://www.vice.com/pt_br/article/pge4qb/escola-ocupada-parana-contr-reforma-ensino-medio . Acesso em 10 de março de 2019.

DISPUTA da cadeira escolar em dia de protesto [fotografia] Fonte: Jornal GGN (Mídia eletrônica). dezembro, 2015. Disponível em <https://jornalggm.com.br/educacao/a-historia-por-tras-da-foto-de-marcela/> . Acesso em 09 de março de 2019.

E.E. Emygídio Ocupada. [fotografia] Fonte: (mídia eletrônica/ @mal.educado.sp). maio, 2016. Disponível em <https://www.facebook.com/mal.educado.sp/photos/a.301502323316853/799199483547132/?type=3&theater> . Acesso em 18 de setembro de 2018.

ESTUDANTES e a polícia. [fotografia]. Fonte: O Mal Educado (mídia eletrônica/ @mal.educado.sp). maio, 2016. Disponível em <https://www.facebook.com/mal.educado.sp/photos/a.301502323316853/798797676920646/?type=3&theater> . Acesso em 18 de setembro de 2018.

LEÃES, Marcelo. **Manifestações de 2013a**. [fotografia]. junho, 2013. Porto Alegre: arquivo pessoal do autor. Fonte: e-mail. Todos os direitos reservados.

_____. **Manifestações de 2013b**. junho, 2013. Porto Alegre: arquivo pessoal do autor. Fonte: e-mail. Todos os direitos reservados.

MAURICIO, Aloisio. **Grupo fecha Marginal Pinheiros**. [fotografia]. Fonte: BandNews (mídia eletrônica / site). dezembro, 2015. Disponível em <https://noticias.band.uol.com.br/noticias/100000784041/protesto-de-estudantes-bloqueia-marginal-pinheiros.html> . Acesso em 20 de setembro de 2018.

MORAES, Leandro. **Estudantes reivindicam a CPI da Merenda**. [fotografia]. Reprodução VaiDaPé (mídia eletrônica/ revista). maio, 2016. Disponível em http://vaidape.com.br/2016/05/nois-ja-ta-fervendo-o-tsunami-secundarista-que-se-espalha-pelo-brasil/?fb_comment_id=1007148152674034_1007390482649801 . Acesso em 17 de março de 2019.

_____. **Secundaristas realizam ALESP Fashion Week em ocupação**. [fotografia]. Reprodução VaiDaPé (mídia eletrônica/ revista). maio, 2016. Disponível em <http://vaidape.com.br/2016/05/confira-fotos-do-segundo-dia-da-ocupacao-alesp/> . Acesso em 12 de agosto de 2018.

MOREIRA, Sebastião. **Estudantes secundaristas ocupam avenida em protesto contra fechamento de escolas**. Fonte: Comitê de Luta Classista (mídia eletrônica / site) dezembro, 2015. Disponível em: <http://www.internationalist.org/revoltaestudentilsaopaulo1512.html> Acesso em 20 de setembro de 2018.

ONDE estão os livros da escola? [fotografia] Fonte: Outras Mídias (mídia eletrônica/ site). abril, 2016. Disponível em <https://outraspalavras.net/outrasmidias/e-as-ocupacoes-de-escolas-chegam-ao-rio/> . Acesso em 24 de março de 2019.

#OCUPATUDO, a luta dos estudantes secundaristas no Rio de Janeiro(a) [fotografia]. Reprodução FotoGuerrilha. Fonte: FotoGuerrilha (mídia eletrônica/site). dezembro, 2016. Disponível em <http://fotoguerrilha.com/ensaio-ocupatudo-a-luta-dos-estudantes-secundaristas-no-rio-de-janeiro/> . Acesso em 15 de dezembro de 2017.

#OCUPATUDO, a luta dos estudantes secundaristas no Rio de Janeiro(b) [fotografia]. Reprodução FotoGuerrilha. Fonte: FotoGuerrilha (mídia eletrônica/site). dezembro, 2016. Disponível em <http://fotoguerrilha.com/ensaio-ocupatudo-a-luta-dos-estudantes-secundaristas-no-rio-de-janeiro/> . Acesso em 15 de dezembro de 2017.

#OCUPATUDO, a luta dos estudantes secundaristas no Rio de Janeiro(c) [fotografia]. Reprodução FotoGuerrilha. Fonte: FotoGuerrilha (mídia eletrônica/site). dezembro,

2016. Disponível em <http://fotoguerrilha.com/ensaio-ocupatudo-a-luta-dos-estudantes-secundaristas-no-rio-de-janeiro/> . Acesso em 15 de dezembro de 2017.

OCUPAÇÃO do espaço escolar. [fotografia]. Fonte: Observatório do ensino médio (mídia eletrônica/ site). outubro, 2016. Disponível em <http://www.observatoriodoensinomedio.ufpr.br/relato-sobre-a-visita-do-observatorio-do-ensino-medio-em-um-das-escolas-ocupadas-em-sao-jose-dos-pinhaispr/> . Acesso em 30 de março de 2019.

OLIVEIRA, Marivaldo. **Estudantes realizam protesto contra a reorganização** [fotografia]. Fonte: G1 São Paulo (mídia eletrônica/ jornal). dezembro, 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/escolas-ocupadas/noticia/2015/12/ocupacoes-atos-e-polemicas-veja-historico-da-reorganizacao-escolar.html>. Acesso em 10 de março de 2018.

PADGURSCHI, Diego. **Polícia usa bomba para dispersar estudantes que protestavam na avenida Tiradentes, na região central de SP** [fotografia]. Fonte: Folha de São Paulo (mídia eletrônica. jornal). dezembro, 2015. . Disponível em <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/40422-estudantes-protestam-contra-reorganizacao-das-escolas#foto-571443> . Acesso em 27 de março de 2018.

PARIZOTTI, Roberto. **Lutando pela escola dos nossos sonhos.** [fotografia]. Fonte: Centro de Referências em Educação Integral (mídia eletrônica/site). junho, 2016. Disponível em <https://educacaointegral.org.br/reportagens/escolas-ocupadas-mostram-que-outra-educacao-e-possivel-e-necessaria/> . Acesso em 04 de janeiro de 2019.

REGO, Tânia. **Alunos cuidam da limpeza da Escola Estadual Prefeito Mendes de Moraes na Ilha do Governador.** [fotografia]. Fonte: G1 Rio de Janeiro. abril, 2016. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/04/ocupacao-de-escolas-e-legitima-diz-secretario-de-educacao-do-rj.html> . Acesso em 10 de março de 2019.

REMETE à ilustração do material *Como ocupar um colégio? Manual escrito por estudantes secundaristas da Argentina e Chile.* [fotografia] Fonte: O Mal Educado (mídia eletrônica/ @ mal.educado.sp). abril, 2013. Disponível em <https://www.facebook.com/mal.educado.sp/photos/a.292399444227141/292399454227140/?type=3&theater> . Acesso em 16 de novembro de 2017.

RESISTIR no espaço urbano [fotografia]. Reprodução. Fonte: Blog da Boitempo (mídia eletrônica/blog). novembro, 2016. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2016/11/09/a-tortura-e-a-norma-a-anomalia-sao-as-ocupacoes/> . Acesso em 20 de outubro de 2017.

ROSA, Rovena. **Escudo de cadeira.** [fotografia]. Fonte: Revista Fórum (mídia eletrônica / revista). dezembro, 2015. Disponível em <https://www.revistaforum.com.br/estudantes-de-sp-refundam-a-cidade-alckmin-nao-e-o-unico-derrotado/> . Acesso em 16 de setembro de 2018.

SANTANA, Vitor. **Estudantes fazem ‘cadeiraço’ contra a privatização em Goiás.** [fotografia] fonte: Esquerda Diário Movimento Revolucionário dos Trabalhadores. (site/

mídia eletrônica). Disponível em <https://www.esquerdadiario.com.br/Contra-a-privatizacao-ocupacao-e-cadeiraco> . Acesso em 10 de março de 2019.

SILVA, Joel. **Protestos contra reforma nas escolas paulistas**. [fotografia]. Fonte: Folha de São Paulo (mídia eletrônica/jornal) dezembro, 2015. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/01/1726431-aulas-na-fernao-dias-recomecam-com-carteiras-em-circulos-e-debates-com-professores.shtml> . Acesso em 19 de março de 2019.

ZUCCOLO, André. **Cadeira no trânsito**. [fotografia]. Fonte: VaiDaPé (mídia eletrônica / jornal). dezembro, 2015. Disponível em <http://vaidape.com.br/2015/12/ensaio-a-arma-do-policia-e-a-cadeira-dos-estudantes/> . Acesso em 30 de março de 2019.

_____. **Manifestação feita pelos estudantes secundaristas de São Paulo no final de 2015**. [fotografia]. Fonte: VaiDaPé (mídia eletrônica / revista). maio, 2016. Disponível em <http://vaidape.com.br/2016/05/nois-ja-ta-fervendo-o-tsunami-secundarista-que-se-espalha-pelo-brasil/> . Acesso em 12 de agosto de 2018.